







A

# CARTEIRA DE MEU TIÔ

POR

Joaquim Manoel de Macedo

NATURAL DE ITABORAHY

---

PRIMEIRO FOLHETO

(Terceira edição)



**LAEMMERT & C. - Editores**

RIO DE JANEIRO - S. PAULO





# **A CARTEIRA DE MEU TIO**

**I**



A

# CARTEIRA DE MEU TIO

POR

Joaquim Manoel de Macedo

NATURAL DE ITABORAHY

---

**PRIMEIRO FOLHETO**

(Terceira edição)

---

RIO DE JANEIRO

EM CASA DOS EDITORES

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

77, Rua da Quitanda, 77

---

1867





# A CARTEIRA DE MEU TIO



## INTRODUCCÃO ET 'CÆTERA.



U....

Bravo! bêm começado! com razão se diz que — pelo dedo se conhece o gigante! — Principitei tratando logo da minha pessoa; e o mais é que dei no vinte; porque a regra da época ensina que — cada um trate de si antes de tudo e de todos.

Aquelle que enrugar a fronte com esta minha franqueza, ou é um velhaco ou um tolo: se fôr velhaco, não espere que eu lhe dê satisfações; pôde ir seguindo a sua derrota; abra as velas do seu barco, faça boa viagem, pois que lhe sopra vento galerno e propicio, e não se importe comigo. Agora, se fôr tolo, o remedio é antigo e sabido: — peça a Deos que o mate, e.... *et cætera*.

*Egoismo!* bradarão aquelles que não vêm meio palmô adiante do nariz: *patetas!* lhes respondo eu de antemão. A regra, á que me cingi, não tem nada de vil nem de baixa; e a prova é que ella nos vem dos grandes, que não são vis, e se observa no poleiro politico, que não fica em baixo.

Eu sigo as lições dos mestres.

No pronome *Eu* se resume actualmente toda politica e toda moral: é certo que estes conselhos devem ser praticados, mas não confessados; bem sei, bem sei, isso é assim: a hypocrisia é um pedaço de véo furtado a uma

virgem para cobrir a cara de uma mulher devassa : tudo isso é assim : mas o que querem?... ainda não sou um *espírito forte* completo, ainda me não pude corrigir do estúpido vicio da franqueza.

Eu digo as cousas como ellas são : ha só uma verdade neste mundo, é o *Eu* ; isto de patria, philantropia, honra, dedicação, lealdade, tudo é pêta, tudo é historia, ficção, parvoice ; ou (para me exprimir no dialecto dos grandes homens) tudo é poesia.

Patria !... é verdade : por exemplo, que é a patria?... ora eu vou dizer em poucas palavras o que ella é, pelo menos aqui na nossa terra.

A patria é uma enorme e excellente garopa : os ministros de estado, a quem ella está confiada, e que sabem tudo muito, mas principalmente grammatica e conta de repartir, dividem toda nação em um grupo, sequito e multidão : o grupo é formado por elles mesmos e por seus compadres, e se chama — *nós* —, o

sequito um pouco mais numeroso se compõe dos seus afilhados, e se chama — *vós* —, e a multidão, que comprehende uma cousa chamada opposição e o resto do povo se denomina — *elles* —: ora agora aqui vai a theoria do *Eu*: os ministros repartem a garopa em algumas postas grandes, e em muitas mais pequenas, e dizem eloquentemente: « as postas grandes são para *nós*, as mais pequenas são para *vós* » e finalmente jogão ao meio da rua as espinhas, que são para *elles*. O resultado é que o tolo do povo anda sempre engasgado com a pátria, em quanto o grupo é o sequito paixão ás mil maravilhas á custa della!

Eis ahí o que é a patria actualmente!

Se pois a religião do *Eu* é tão cultivada lá por cima: porque não a cultivarei tambem apezar de andar cá por baixo?... a verdade é a verdade em toda parte, e tanto no sobrado, como na casa terrea.

Viva o *Eu*!

Bem fazem os Inglezes que escrevem sem-

pre *Eu* com letra maiuscula ; seguindo-se d'ahi que cada Inglez entende que não ha ninguem no mundo maior do que elle : o povo inglez é por isso um povo maiusculo ; e eu tenho cá para mim, que este respeito que os Inglezes consagrão ao pronome *Eu* é a base, e a primeira causa da fidelissima aliança, que une o nosso governo com o da Inglaterra. Sagrados laços esses, que fôrão apertados pelo *Eu!*...

Mas que vergonhosa contradicção ! tenho despendido mil palavras a fallar do *Eu* em abstracto, e ainda não disse nada a respeito de mim mesmo, como o dogma ensina ! triumpho pois o concreto sobre o abstracto ! o concreto é este criado dos senhores leitores : vou já emendar a mão ; estou em scena.

Senhores, eu sou sem mais nem menos o *sobrinho de meu tio* : não se rião, que não ha razão para isso : querião o meu nome de baptismo ou de familia ?... não valho nada por elle, e por meu tio sim, que é um grande

homem. Estou exactamente no caso de alguns candidatos ao parlamento e a importantes empregos publicos, cuja unica recommendação é neste o ser filho do Sr. Fulano, naquelle ser neto do Sr. Beltrano, e até as vezes naquelle outro ser primo da Sra. D. Sicrana.

Quererão observar-me, que, em vez de me declarar sobrinho de meu tio, deveria antes apresentar-me, como filho de meu pai?... eis ahi uma asneira como tantas outras ! eu gosto de cingir-me aos usos de minha terra, e ha nella muita gente, mesmo, ou principalmente entre os senhores fidalgos, que costuma esquecer-se do modo o mais completo, de quem fôra seu pai : a moda é esta : agora a razão de tão innocente capricho, que a digão os Excellentissimos esquecidos.

Sou, portanto, o *sobrinho de meu tio*, e tenho dito : na actualidade já não é qualquer coisa ser um homem sobrinho de seu tio : e se não, que responda uma das primeiras nações do mundo, porque se entregou amarrada

de pés e mãos a um *senhor* só e simplesmente por elle ser *sobrinho de seu tio*.

Aceitem-me pois tal qual sou, *sobrinho de meu tio*, e nada mais : e nem preciso, nem desejo ser outra cousa.

Aos vinte annos de minha idade parti para Europa, afim de completar os meus estudos (á custa de meu tio, já se sabe). Estudei com effeito muito em Paris, onde assentei a fatecha : oh ! sim, estudei muito ! passei pelos *boulevards* ; fui aos theatros ; apaixonei-me loucamente por vinte *grisettes* ; tive dez ou doze primeiros amores : por me faltar o tempo não pude ver uma só bibliotheca ; por me acordar sempre tarde nunca frequentei aula alguma ; e no fim de cinco annos dei um pulo á Allemanha, arranjei uma carta de doutor (palavra de honra que ainda não tive a curiosidade de examinar em que especie de sciencia), e voltei para este nosso Brasil, apresentando-me a meu tio logo no primeiro instante com as mais irrecusaveis provas do meu aproveita-

mento, isto é, vestido no ultimo rigor da moda, fallando uma algaravia, que é metade francez e metade portuguez, e ostentando sobretudo por cima do meu labio superior um bigodinho insidioso, por baixo do meu labio inferior uma pêra fascinadora, e para complemento desses encantos, um charuto aromatico preso de contínuo entre os labios, perfumando a pêra e o bigode.

Meu tio ficou quasi doudo de alegria com a minha chegada: abraçou-me, deu-me beijos, chorou, rio-se, e fez-me trezentas perguntas, que eu muito naturalmente satisfiz com trezentas mentiras: fiquei um mez em companhia do velho pára matar-lhe as saudades.

Meu tio, pelo que posso julgar, é um homem que sabe muito, e que falla pouco: nunca foi eleito deputado, por ter essas duas terriveis qualidades. Felizmente eu sou o avêso do bom velho; não sei cousa alguma nesta vida, e fallo mais do que uma velha mettida á litterata: está visto que, se eu já



tivesse quarenta annos, entrava necessariamente em alguma lista triplice para senador.

Passou emfim o mez consagrado a matar as saudades de meu tio, e em uma tarde, em que eu me achava á janella do meu quarto saboreando um primoroso *havana da Bahia*, e lembrando-me da minha boa vida de Paris, entrou o velho e veio sentar-se defronte de mim.

— Adivinho em que estavas pensando; sobrinho; me disse elle.

— Pois em que, meu tio?... perguntei.

— Pensavas na vida que deves seguir.

Confesso que até aquella data nunca me havia occupado um só instante de semelhante bagatella; entretanto arranjei, como pude, um certo ar de melancolia, e respondi:

— É verdade.... é verdade.... era isso mesmo.

— Ora vejamos, tornou-me o velho: que é que pretendes ser?...

— Tenho assentado, que devo continuar a ser sempre o sobrinho de meu tio.

Lgrimas de ternura arrasárão os olhos do pobre homem !

— Mas além de seres meu sobrinho, não podes deixar de te occupar de alguma cousa, disse-me elle.

— Se em summa isso fôr indispensavel....

— Sem duvida ; consulta pois as tuas disposições, e decide.

Pensei.... pensei.... e pensei....

— Decidiste ?

— Sim senhor, e irrevogavelmente.

— O que queres ser então ?...

— Politico, meu tio.

Com effeito, do mesmo modo que succede a todos os vadios de certa classe, a primeira idéa, que me sorria, tinha sido a politica !

— Mas olha que a politica não é meio de vida ; observou o velho.

— Engano, meu tio ! a patria deve pagar bem a quem quer fazer o enorme sacrificio de viver á custa della.

— Bom : já vejo que estás adiantado na

moral do seculo : julgas-te porém preparado para entrar e apparecer na politica ?...

— Estou á par de todos os conhecimentos humanos ; cheguei ha um mez de Paris.

— Melhor ainda : tens as duas principaes qualidades, que são indispensaveis ao homem, que quer subir : és impostor, e atrevido.

— Obrigado, meu tio.

— Mas cumpre que estudes ainda.

— Convenho : estou prompto á voltar para França.

— Não ; não é lá que deves estudar agora.

— Então onde ?...

— Em um grande livro.

— Qual ?...

— No livro da tua terra.

— Diabo ! eu sabia que no Brasil havião intelligencias descommunaes, e homens encyclopedias ; tinhão-me, porém, asseverado, que, dessas intelligencias, umas erão engarrafadas, e outras capazes de tudo, de tudo, e de tudo, menos sómente de fazer um livro !

— Não te fallo dos livros, que escrevem os homens, sobrinho: refiro-me ao livro que só se póde ler, viajando e observando.

— Ah !

— Concordo pois com a tua sábia resolução: serás politico ; mas com a condição de azeres o contrario do que fazem os grandes estadistas da nossa terra.

— Então que é que elles fazem, e que é que eu devo fazer, meu tio ?...

— Elles empregão no Brasil uma governação que aprendem nos livros da França e da Inglaterra ; improvisão no mundo novo as instituições do mundo velho, algumas das quaes tem tanta relação com as nossas circumstancias, como um ovo com um espeto !

— E eu ?...

— E tu estudarás o que convem ao teu paiz, no que se passa nelle, e nos costumes do nosso povo.

— E portanto ?...

— E portanto, já amanhã te has de pôr a caminho.

— Misericordia !... amanhã já?!

— Sem duvida : o melhor politico é aquelle que acorda mais cedo: irás viajar por tua terra : dar-te-hei para isso o meu cavallo ruço-queimado.

— Outra vez misericordia, meu tio ! O seu cavallo ruço-queimado é um ronceiro diabolico ! anda mais devagar, do que as obras da nação.

— Por isso mesmo : quero que a tua viagem seja vagarosa e demorada, para que melhor observes.

▲ só idéa de viajar no ruço-queimado de meu tio era capaz de desanimar ao mais teimoso e emperrado dos pretendentes politicos : o tal cavallo ruço-queimado é uma especie de hypogripho, que apenas gasta tres horas para vencer uma legua : se elle tivesse existido no tempo dos antigos e sabios sacerdotes do Egypto, andar um dia no ruço-queimado de meu tio seria a ultima prova imposta áquelles que quizessem ser admittidos no sapientis-

simo gremio, e penetrar os reconditos mysterios.

Asneira e solemnissima asneira de meu tio ! Que maldita escola politica concebeu elle ! Pois devéras será necessario estudar nos livros dos homens, ou ainda mesmo no da experiencia, para um *moço de esperanças*, como eu, ou qualquer outro tornar-se apto para ser deputado, presidente de provincia, ou ministro de estado?... Eu entendo que não : nos bailes, nos theatros, nas visitas e nos cumprimentos é que se demonstrão os futuros estadistas : vale mais uma carta de um compadre ou socio de ministro, mais ainda a recommendação da Ex<sup>ma</sup> quarentona, com quem dansamos, e pas-seamos no baile, do que um diploma da mais celebre academia, e as provas as mais evidentes de uma intelligencia superior : o patronato é a placenta da sabedoria, e a medida do merito : tomára eu ser afillhado de algum bom padrinho, que verão como fico immediatamente sabio, e até mesmo benemerito da patria !

Mas, de que serve a philosophia, quando se tem por diante um homem teimoso e enfechado, como meu tio?... eu estava desesperado; demonstrei com toda força da logica a inconveniencia da viagem, e a incapacidade do cavallo ruço-queimado, tudo foi em vão: o velho embirrou.

— Has de ir, exclamou elle, e amanhã sem falta.

— Meu tio, aquelle cavallo não merece a minha confiança; não lhe posso dar o meu voto.

— Que me importa!

— Condemna-me, portanto, a uma viagem monótona e aborrecida!

— Quero que estudes.

— Não saberei ler, nem entender uma só palavra do seu livro.

— Dar-te-hei uma interprete, que te ensinará a comprehendê-lo.

— Meu tio, *uma* ha de concordar por força. com *um* substantivo feminino; veja bem o que diz!

- Repito o que disse: *uma interprete.*
- E quem é ella?...
  - A mais bella e respeitavel Senhora!
  - O que é que está dizendo, tio do coração?...
  - Fallo serio.
  - A mais bella?!?! E quantos annos tem essa incomparavel Senhora?...
  - Trinta.
  - Trinta?! Perdôe, meu tio; mas, devéras, ella é bonita?...
  - Adoravel....
  - E ha de viajar comigo?...
  - A teu lado.
  - Olhe que isso tem seus perigos: *supponhamos*, que eu me apaixone...
    - Estimarei muito, e que lhe sejam *fiet*.
    - Porque, meu tio?...
    - Porque serias o primeiro, que lhe conservasse *fidelidade*.
    - Então ella?...
    - Já recebeu juramentos de amor e *fide-*



liade sem conta, e nem por isso é menos desamada e atraçoada.

— Pobre moça! já se vê que deve ter sofrido muito! espanta-me porém nunca ter ouvido fallar a respeito della.

— Pois o seu nome anda na boca de todos.

— E onde mora essa belleza?...

— N'um tumulo.

— Peior está essa!... então ella vive...

— Não; está morta.

— Morta, meu tio?...

— E nunca viveu.

— E vossa mercê quer que eu viage com uma defunta?...

— É verdade.

— Isto é uma *charada* indecifrável!

— Amanhã a decifrarás: aprompta-te, que, antes de montar a cavallo, receberás em teu seio a tua companheira de viagem.

— No meu seio?... uma defunta?...

Meu tio não me deu resposta; sorriu-se tristemente, voltou-me as costas, e foi-se.

Fiquei fóra de mim, e não dormi toda a noite: como sei bem que especie de homem é meu tio, tratei de arranjar a minha mala de viagem; porque, por fás ou por nefas, estava decidido, que eu partiria na manhã seguinte.

Ao romper da aurora, veio logo o velho chamar-me; almoçámos juntos, e logo depois recebi de suas mãos uma bolsa bem recheada, e um enorme cartapacio, que elle chamava — *sua Carteira* — e onde eu deveria escrever as minhas impressões de viagem.

— Agora, vem cá, disse-me com ar grave.

Lembrei-me da formosa defunta; confesso, que a curiosidade começava a transpirar-me até pela ponta do nariz.

— Onde vamos, meu tio?... perguntei.

— Vou confiar-te a tua bella companheira de viagem.

— Qual?... a defunta?...

— Sim; vem comigo.

Sahimos de casa.

Á porta estava já sellado e prompto para a

partida o terrível cavallo ruço-queimado ; ah ! maldito ! no rapido olhar que de passagem lhe lancei, contei-lhe um por um todos os ossos, e o diabo nem por isso estava magro : vejão só que organização de animal !

Acompanhando a meu tio, entrei com elle no seu jardim, e dirigindo-nos ambos a um bosquezinho de ciprestes e de arvores da independencia, um pouco enfesadas e tristes, descobri por entre alguns pés de perpetuas róxas, um tumulo extremamente pequeno, que teria, quando muito, um palmo de comprimento, quatro pollegadas de largo.

— Eis-aqui ! disse meu tio suspirando.

— Pois é isto ?... perguntei admirado.

— Sim ; é isto mesmo.

— E a moça, meu tio ?

— Está abi dentro encerrada.

Eu me sentia cada vez mais curioso e sorprezo.

— Dize, o que vês sobrinho ?

— Vejo sobre este tumulo uma pintura

rude, que representa uma lindissima donzella escorregando de um berço para uma cova: é celebre!... a desgraçada ainda está com metade do corpo no berço, e já tem os pés mettidos dentro da cova!

— É isso mesmo; tornou o velho suspirando outra vez.

— Então, meu tio, esta senhora, que passou logo do berço para o tumulo, já nasceu moça feita?...

— É verdade.

— Cada vez comprehendo menos!...

— Lê o seu epitaphio.

Li o epitaphio: continha apenas cinco palavras: era o seguinte:

«AQUI JAZ QUEM NUNCA VIVEU.»

— Agora, meu sobrinho, abre esse tumulo, abre os caixões que encontrares, e recebe em teu seio a Santa Martyr, que dentro estiver encerrada.

— Meu tio, aqui dentro não pôde estar senão uma boneca.

— Abre, sacrilego! bradou o velho com voz forte e com aspecto ameaçador.

Abri o tumulo e encontrei primeiro um caixãozinho de ouro; abri tambem este, e encontrei um outro caixãozinho de prata; abri ainda este, e encontrei um terceiro de chumbo, e dentro deste, finalmente, envolvido em uma especie de mortalha de velludo verde e amarello, vi um pequenino livro, em cuja primeira pagina li o seguinte titulo:

## CONSTITUIÇÃO DO IMPERIO DO BRASIL

25 de Março de 1824.

TYPOGRAPHIA DE SEIGNOT-PLANCHER.

Olhei para meu tio: o nobre velho tinha os olhos cheios de lagrimas: depois de um curto silencio, disse-me:

— Eis-ahi, pois, a Santa Martyr, meu so-

brinho: quando ella nasceu, um povo inteiro saudou-a, como a fonte inexgotavel de toda sua felicidade; como o elemento poderoso de sua grandeza futura; saudou-a com o enthusiasmo e a fé com que os Hebrêos receberão as doze Taboas da Lei: pobre Martyr! não a deixarão nunca fazer o bem que póde: apunhalárão-na, apunhalão-na ainda hoje todos os dias, e entretanto cobrem-se com o seu nome, e fingem ama-la, os mesmos sacrilegos, que a desrespeitão, que a ferem, que a pisão aos pés!...

Meu tio respirou um momento, e depois continuou:

— Vai lá ahi; eu a deposito em tuas mãos; vai e viaja com ella; observa o que se passa em nossa terra, e compara o que observares com o que ella te disser em seus sabios preceitos: escreve tudo; porque quando a *Carteira de teu tio* estiver cheia das tuas impressões de viagem, e emfim, voltares a ter comigo, terás já aprendido a grande verdade, a unica taboa de salvação do Estado, o remedio santo e ex-

clusivo para curar todos os nossos soffrimentos politicos; isto é, terás reconhecido por experiencia, que a Constituição nunca foi e não é ainda hoje executada; e que, quando o fór, o Brasil será feliz e apreciará devidamente e mais que até agora a sua bella monarchia.

Não tive nada que responder a meu tio: voltámos ambos para casa, e fazendo as nossas ultimas despedidas, e tendo guardado cuidadosamente no seio a Constituição do Imperio, minha adoravel companheira de viagem, dispuz-me a partir, levando-a, como um talisman sagrado, bem ao pé do meu coração.

Tomei a benção a meu tio, o qual abraçando-me, disse quasi chorando de saudade:

— Vai, sobrinho, toma sentido em ti, e no que vires; sobretudo, não escrevas parvoices na *Carteira de teu tio*; estimo que sejas o avêssô de todos os viajantes, isto é, que não pregues mentiras.

— Farei por isso, meu tio.

E já eu estava com o pé no estribo, quando o bom do velho me tornou:

— Oh lá, espera, leva mais isto.

Voltei os olhos e vi nas mãos de meu tio alguns outros pequenos livrinhos no mesmo formato da Constituição, que eu já tinha comigo.

— Pois ainda mais?...

— Sim, são uns filhinhos da bella moça, que levas contigo; alguns são muito mal criados, outros, verdadeiros inimigos de sua mãe, achando-se com ella em evidente contradicção, mas, emfim, são leis do Imperio, e é preciso respeitá-las; leva-os em tua companhia, e quando tiveres necessidade, consulta com elles.

Recebi os livrinhos: erão os nossos codigos, a lei de eleições, a da guarda nacional, e algumas outras principaes da nossa collecção de leis; arranjei este novo presente dentro da minha mala, e disse ádeos a meu tio.

— Boa viagem! exclamou o velho.

— Duvido muito, senhor! respondi eu enterrando inutilmente as esporas no ventre do impassivel ruço-queimado.



Finalmente , parti sem saber para onde; perdi de vista a casa de meu tio, e ao menos por desenfado, pretendo escrever tudo quanto me parecer curioso ou digno de menção na extravagante viagem que vou fazer.

E porque não ha livro sem titulo, darei ao que sou obrigado a escrever , o que melhor he compete ; chamar-se-ha, pois,

A CARTEIRA DE MEU TIO.





## CAPITULO I

**Em que se prova (além de muita cousa, que quem lê saberá), que o cavallo de meu tio é incompativel com algumas estradas provinciaes do Rio de Janeiro, e quasi que se encontra um grande pensamento politico chafurdado em um lamarão.**



**El muito bem que, segundo o uso de todos meus collegas viajantes, e conforme os conselhos da boa razão, era do meu dever começar a importantissima historia da viagem, que já estou fazendo, pela determinação do ponto donde parti; mas a casa de meu respeitavel tio é uma especie de velho castello encantado,**

cuja situação geographica não me é possível assignalar precisamente: eu podia sem difficuldade declarar, que ella demora aos tantos grãos, minutos e segundos de longitude tal, e tantos e quantos de latitude, entretanto, procedendo assim, não faria mais do que pregar uma tremenda pêta aos meus queridos leitores: não desconheço que as narrações de todos os meus collegas viajantes, e principalmente as daquelles, que têm andado pela nossa boa terra, contêm mais patranhas e mentiras do que os artigos de certos jornaes politicos, e os programmas de todos os ministerios; estou, porém, decidido de pedra e cal a seguir os conselhos de meu tio, escrevendo na *Carteira*, que elle me confiou, verdades e só verdades.

Contentem-se, pois, os meus leitores com saber, que eu parti da casa de meu tio, e que essa casa existe *por ora* dentro dos limites da provincia do Rio de Janeiro: digo *por ora*, porque sou um homem de consummada prudencia, e não sei se mais dia menos

dia passará pela cabeça das duas conquistadoras vizinhas tomar para si, e muito honradamente, a casa de meu tio : o caso não seria de todo novo, nem de todo velho : novo não, porque lá pelas bandas do Sul com uma só unhada arrancarão-nos um *banana* inteiro : e velho também não, porque agora mesmo estamos correndo o risco de ver effectuar-se uma tratadazinha de igual natureza lá pelas bandas.... *et cætera* e tal.... vamos adiante. (\*)

As primeiras duas horas da minha viagem pertencêrão exclusivamente ao dominio das reflexões sobre as circumstancias em que me achava, e sobre o que me cumpria fazer. Larguei a rédea no pescoço do ruço-queimado : abri o paletot, e tirei do bolso do peito.... o que?... adivinhem lá.

— A sua companheira de viagem, a Constituição do Imperio ; pensarão alguns.

Pois não, senhores : o que eu tirei do bolso

---

(\*) O autor allude aos limites da provincia do Rio de Janeiro com as de S. Paulo e Minas-Geraes.

e consultei antes de tudo foi a bolsa, que meu tio me dera ao despedir-se: eu sigò sempre as lições dos grandes mestres: a Constituição contém letras mortas, e a bolsa contém letras vivas, e portanto, quando se trata da bolsa, que é negocio sério, põe-se de lado não só a Constituição, como todas as leis do Imperio, que são cousas de pouco mais ou menos.

Contei o dinheiro, e achei seiscentos mil réis justinhos!

— Bravo! exclamei entusiasmado; bravissimo! exactamente o subsidio mensal de um membro da *temporaria!* oh que prazer não dará o fazer leis em cima da côxa, quando para isso se recebe seiscentos mil réis por mezt

E nem mesmo tanto exige hoje em dia dos seus deputados a patria ou o governo, que é a mesma cousa: antigamente os eleitos do povo tinham seu trabalho; o povo os elegia, e elles preparavão leis para o povo: erão parvoices do *tempo do onça*: agora aperfeicou-se a geringonça: o governo, que ama o

povo, e que não ó quer fatigar por ninharias, nomeia os deputados em lugar d'elle ; e tambem para não massar a paciencia dos seus escolhidos representantes, arranja as leis lá comsigo, e se contenta, que a troço dos seiscentos mil réis, o deputado esguele de vez emquando o seu *apoiado* ! quando falla um ministro, e de vez emquando ponha em acção os *grandes gluteos*, quando chega o momento da votação.

Isto é que é progresso ! o parlamentarismo é uma peste peor que a febre amarella ; era preciso acabar com elle.... e o bixo está por um triz a dar com os ossos em pantana ! é verdade que ás vezes ainda apparece algum teimoso diabo, que falla em Constituição, e ralha com os ministros ; mas é uma raridade, que não vale a pena, e que não embaraça a ninguem : contra a intelligencia do parlador ha a firmeza com que se põe de pé na occasião precisa a columna cerrada dos *independentes* : mais uma prova da perfeição humana ! Os *grandes gluteos*, que são os musculos menos

decentes do corpo do homem, triumphão mil vezes da intelligencia, que é um sopro divino!... e digão lá que não vai o Brasil à vela!...

Assim que tive a certeza de que estava com seiscentos mil réis na algibeira, veio-me logo a idéa de partir para a côrte, aboletar-me ahí em algum hotel famoso, divertir-me um mez nos bailes, nos theatros e nos passeios, passar, emfim, vida regalada, e improvisar nas horas vagas duas mil mentiras, com que pudesse encher a *Carteira de meu tio*.

Esta pouca vergonha não teria nada de original, e não podia espantar a ninguem: alguns dos meus collegas viajantes, e principalmente os Francezes, que são incomparaveis nesta, como em muitas outras especies de charlatanismo, já têm feito o mesmo, que eu estive quasi não quasi a praticar: uns sem sabir do *Pharoux* já têm passeado por Minas, Goyaz e Matto-Grosso, e milagrosamente escapado de serem lambidos pelos bu-gres e pelas onças: outros, depois de devorar



um hauto jantar, e de escorruptichar algumas garrafas do *bordeaux* e de *champagne*, jurão ter no mesmo dia e á mesma hora estado a ponto de morrer de febre e de sede nos campos de S. Paulo, onde os *caipiras* negão pão e agua aos estrangeiros; estas innocentes mentiras tirão um immenso trabalho á gente, e é até um bello meio de apurar a imaginação: os taes viajantes francezes são pela maior parte homens de mão cheia! consciencia até alli!...

Oh! a mentira! a mentira é um vasto e longo capote, que serve para esconder a preguiça, o erro, e toda a qualidade de tráficança; a mentira é como a orchestra do nosso theatro italiano, que com seus *cheios*, *fortes*, e *fortissimos* e *arranjos* opportunos encobre as desafinações e as miserias artisticas das cantarinas e cantores de *cartello*, que nos vêm da Europa ganhar dezenas e dezenas de contos de réis por anno.

Se não fosse a mentira, como é que um.

ministro de estado poderia explicar e defender muitos de seus actos na presença do parlamento?... e como é que o politico astuto e ambicioso havia de subir ao poder, enganando aos papalvos, que lhe servem de escada?...

Se não fosse a mentira, como se arranjariam certos generaes para dar conta das batalhas que perdem?

Como é que os estudantes lograriam alcançar um augmento de mesada, ou um *credito supplementar* dos pais menos condescendentes e cegos, se não fosse a mentira?...

Como é que os alfaiates ficariam ás boas com os freguezes, a quem faltão com a casaca no dia promettido?...

Se não fosse a mentira, como se sustentariam as facções politicas?... como viveria a imprensa diaria?... como se haverião as direcções e os directores de theatros?... como farião as moças pazes com os seus namorados?... como os advogados terião causas de que tratar, e os escrivães custas que cobrar?...

A mentira esconde-se por detrás dos reposteiros de todas as secretarias de estado, dentro da manga do frade, no acolchoado da casaca do taful, nos postiços da moça casquilha, no carmim das faces da matrona desbotada, na cabelleira do velho caréca, nos attestados de muitos medicos, em todos os diplomas eleitoraes, nos protestos de todos os actores, nas declarações dos candidatos ás deputações, nos titulos de nobreza de todos os fidalgos, no pincel dos pintores, na penna dos romancistas, no capello dos bachareis e doutores, nas lagrimas das viúvas, nos sorrisos das donzellas, nas cortezias dos diplomatas, nas promessas dos ministros de estado, nos desenganos de todas as mulheres, nas palavras dos vivos e nos epitaphios dos mortos !

Oh ! certamente, a mentira é uma grande verdade da vida humana ! E, digão lá o que quizerem, a mentira tem o seu altar e o seu culto em todas as nações e debaixo de

todos os tectos: até já conta uma sociedade que a venera, e exercita os seus dictames; não quero dizer onde, para não brigar com amigos, que me obsequiárão muito, quando cheguei da Europa, e appareci no Rio de Janeiro, como um homem novo (\*).

A mentira é como o sol, cujos raios penetrao em toda parte: o unico lugar em que ella não entra, é no céo. No mundo, não ha casa em que seja hospeda nova, e do mesmo modo que facilmente se introduz nas cabanas, penetra tambem nos palacios reaes, servindo-lhe ahí de porta a excellentissima boca dos conselheiros, ou trepando pelos bordados das fardas dos criados de galão de ouro.

Mas eu já disse que por ora não sou completamente digno do seculo em que vivo: porque ainda me resta um átomo de consciencia; abandonei portanto o pensamento

---

(\*) Refere-se á sociedade— *Petalogica*— que diariamente se reunia e se reúne em uma casa da Praça da Constituição.

heroico de ir gastar os meus seiscentos mil réis na côrte, engolfando-me nos seus prazeres, e resolvi-me a executar á risca a vontade de meu sabio e respeitavel Tio.

Cahindo das nuvens de minhas reflexões, achei-me na terra, montado no terrivel ruço-queimado, que caminhava de tão má vontade, como um jurado para o nobre e alto tribunal, de que é membro, pela graça da sorte!

Maldito animal! Ha quem diga, que os cavallos *mouros* são dos que provão peor: confesso que em minha ignorancia adoptei esse principio até hoje de manhã; mas a experiencia de duas horas tem sido sufficiente para me convencer de que não pôde haver ronceiro que iguale a um *ruço*, e principalmente *ruço-queimado!*... O cavallo de meu Tio é uma prèguiça-monstro com cascos nos pés, crinas no pescoço e cabeça de tres palmos do focinho ás orelhas: é cavallinho que, se não anda para trás como o carangueijo, está pelo menos no caso da politica

do nosso paiz, pois que, suba quem subir está sempre no mesmo lugar, ou não sahe de um circulo vicioso. Ah! que este cavallo hade gastar-me toda a paciencia! E fallão dos cavallos *mouros*! não ha nada peor do que um *ruço* e ainda mais *queimado*! oh! *queimados* sejam todos os *ruços*: eu prefiro os *mouros*.

Mas o homem deve tirar partido de todas as circumstancias em que estiver collocado; o genio brilha em toda a parte e em todos os casos; ora, não ha duvida alguma, eu sou um homem de portentoso genio, e portanto cumpre que me aproveite deste cavallo mesmo tal, qual é, para demonstrar a superioridade do meu talentò.

Infame ruço-queimado! juro por meu respeitavel Tio, que heide immortalisar-te.

Que o Tasso immortalisasse Eleonora, que Petrarca immortalisasse a sua Laura, Gonzaga a sua Marilia, Byron suas trinta mil namoradas (que tal bixinho que era este poeta

inguez ! ): que Garrett immortalisasse os olhos pretos, e o nosso Gonçalves Dias uns olhos verdes; que Luiz de Camões immortalisasse o terrivel Adamastor, e o nosso Porto-Alegre o soberbo Corcovado; não é cousa que espante, nem que sirva para se aquilatar devidamente o genio de taes escriptores; porque todos esses objectos por elles decantados serão já de si mesmos ou formosos ou sublimes, e faceis por isso de se levar á immortalidade.

O que na verdade assombra é vêr immortalisar a fumaça de uma candeia e o pé de uma laranja, como o fez aquelle mesmo Gonzaga; ou as Harpias, como Virgilio, ou uma escada, como Garção; ou um Perum, como Nicoláo Tolentino; e enfim, muitas outras cousas feias, como muita gente de bom gosto.

E no que diz respeito aos cavallos, Ariosto não metten nenhuma lança em Africa perpetuando a memoria do ginete de Orlan-

do, nem do palafrem de Angelica, nem dos proprios hypogriphos: cá para mim mais habilidade teve Homero mandando á posteridade o cavallo de Troya, que apesar de sua fama não passou de um cavallo de páo; e maior esforço de genio foi ainda preciso a Alexandre Dumas para eternisar o cavallo de d'Artagnan, a Lesage para levar ao galarrim da fama a ronceira mula do tio Gil-Peres; e finalmente a Cervantes para tornar immorriveis o rossinante de D. Quixote, o burro de Sancho-Pança.

Isto, sim, é que é grande, assombroso, e digno de um genio, como o meu! e portanto, não ha mais que hesitar, immortalisarei tambem o estacionario cavallo de meu Tio!

Vou descrever este importante animal, mas, bem entendido, hade ser em prosa, primeiramente, porque abomino a poesia, e dou ao diabo os poetas; e em segundo lugar, porque, a despeito de todo o meu desmarcado genio, este miseravel cavallo não



seria capaz de me inspirar nem mesmo um verso de pé quebrado !

O ruço-queimado tem de comprimento uma vara , da raiz da cauda até a charneira, e outra vara da charneira até a parte antero-superior da cabeça; já se vê portanto que em relação ao pescoço, apresenta suas semelhanças com um ganço; na altura não é lá essas cousas, chega apenas a vara e terça: meu Tio, que é homem da marca de Judas, usava de um tamborete para ganhar o estribo, quando queria sahir a cavallo no seu impagavel ruço-queimado. A cauda deste chibante animal quasi inteiramente despellada faz lembrar a do carneiro, que acaba de despir a lã; as ancas, sempre mais altas que a cabeça, dão-lhe o aspecto de uma ladeira pouco ingreme; os ossos dos quadris, descarnados e salientes, figurão as pontas de duas espingardas ensarilhadas; logo depois vem as costellas, que se podem contar uma por uma, e abaixo dellas demonstra-se uma

barriga enorme e inchada, como o bojo de uma pipa! sustentão esta pesada massa duas pernas e dous braços finos, cabelludos e ornados aqui e alli de tumores de diversas qualidades, tendo os machinhos cobertos por bastos e compridos pellos: os cascos são grandes, esparramados, gretados e tortos, como os pés de um velho negro cambaio: o peito é fino, e descarnado: o pescoço sobre o qual cahem longas crinas duras, como as sêdas de um javalí, é extenso, esguio, e abatido; as orelhas cahem como dous alforjes aos lados da cabeça, que é enorme: os olhos fundos, tristes e lacrimosos parecem-se com os de um boi de carro; e sobre as orbitas abrem-se dous buracos de metter medo: as ventas são murchas, como odres vassios; e o beiço inferior pende sempre cahido, como uma meia sem liga calçada n'uma perna fina.

Tal é o bicho, quanto ao seu aspecto physico.

Em relação a outros dotes, que possui o ruço-queimado é ainda não menos extraordinário: principia logo por ser um animal de constancia inabalavel: tem um só andar, que não é passo, nem marcha, nem trote: é um movimento inexplicavel, um tiquetique, que vascolega os intestinos do cavalleiro, e que nunca se torna nem mais vivo, nem mais moderado: tambem é cavallo que dispensa chicote e espóra, porque quer o castiguem, quer não, anda sempre do mesmo modo; é um animal de constancia inimitavel.

Silencioso e pacato, rinchar é cousa que nunca soube; dar couce é cousa que nunca fez; quanto ao mais, accommoda-se a todas as circumstancias; come tudo, desde o milho e o capim fresco até os espinhos e ortiga; se me não engano, ápanhei-o uma vez comendo terra na estrebaria: é um glotão sem segundo! se não fosse cavallo, podia ser jornalista da policia.

Paro aqui por agora: no decurso da via-

gem tornarei e muitas vezes a me occupar do cavallo de meu Tio, já que lhe prometti a immortalidade.

Oh! bem diz o antigo annexim *que devagar se vai ao longe*: sahi da casa de meu Tio ás seis horas da manhã, e ao meio dia já tinha vencido não menos de duas leguas!...

Entretanto, é preciso confessar; ainda mesmo que eu viesse montado no mais veloz e ardente cavallo arabe, não me teria adiantado muito mais: a estrada era cheia de socavões, atoleiros e precipicios, e o famoso ruço-queimado fez verdadeiros milagres de gymnastica para não estender-se comigo a fio comprido no seio da mãe commum, como o antigo heróe romano.

Ficou, em consequencia, para mim demonstrado, que o presidente da provincia não tinha amigo, nem compadre, a quem visitasse uma vez ou outra, alli por aquelles lugares: um passeio, ou viagem do presidente da provincia é, no meu entender, o

que melhor esclarece a urgencia do concerto de uma estrada: em quanto as tropas carregadas dos fazendeiros e lavradores se estropêão no caminho, e algumas bestas morrem atoladas na lama, ainda se pôde soffrer o mal; mas dar um solavanco a caruagem de S. Ex.!... misericordia, ficava a patria em perigo!...

Pela volta de uma hora da tarde cheguei a um lugar da estrada, onde havia uma *venta*, e logo perto uma casa, da qual sahio um machacaz, que se dirigio a mim, e estendeu-me a mão.

O ruço-queimado (intelligente animal!) parou diante do homem, que se approximára e a quem perguntei, meio desconfiado, o que pretendia.

— Os oitenta réis, respondeu-me elle.

— Oitenta réis!... e de que?...

— Pois o Sr. não sabe?... oitenta réis do tributo da barreira.

— Barreira? exclamei enthusiasmado, pa-

gando immediatamente os quatro vintens ao cobrador : barreira ! tome lá, meu amigo, e creia, que pago de todo o coração, porque estou seguro, que pela ninharia de quatro vintens terei daqui por diante uma estrada transitavel.

O cobrador retirou-se, dando uma risada, mas eu não fiz caso : estava então convencido de que quem paga o tributo da barreira de uma estrada, adquire o direito de achar estrada boa, a menos que o governo, que levanta a barreira, não queira passar por estellionatario : pobre tolo ! tinha-me esquecido de que em honra e gloria desta instituição chamada barreira, que tem aproveitado a outras nações, e que na nossa se acha completamente desacreditada, pela incuria do governo, já houve quem escrevesse estes dous versinhos !

« Porque, *Si vera est fama,*

« Onde ha barreiras, ha lama. »

Perdão, se me lembrei de citar um poeta; é o que acontece a quem viaja por algumas das estradas da provincia do Rio de Janeiro!

Reconheci bem depressa, que o bregeiro do cobrador tivera razão de sobra para dar a sua risada: depois da barreira a estrada tornára-se ainda peor. Ah! se eu chegar a ser deputado heide propôr que os presidentes da provincia do Rio de Janeiro sejam obrigados a viajar no cavallo de meu Tio pelas nossas estradas quinze dias de alguns dos mezes de chuva.

Finalmente estaquei defronte de um vasto e soberbo lamarão... Pareceu-me ver a negligencia do governo da provincia dormindo o somno da indifferença em um leito de lamaçal, por baixo da crôsta torrada pelo sol, que eu via cobrindo aquelle tremendo atoleiro!

Eu já sentia uma fome de todos os diabos: que havia de fazer?... voltar?... de modo

nenhum: sou um homem de coragem.... enterrei as espóras no ventre do ruço-queimado; o prudente animal hesitou, mas tantas esporadas eu lhe dei, que afinal atirou-se no *mare magnum!*

Ah! apenas tinha o pobre cavallo dado a terceira passada, quando senti, que elle se abysmava até os peitos e eu até os joelhos naquelle sorvedouro de lama! Não pude conter-me; soltei um viva estrepitoso ao governo da provincia!

— Atolado em regra!... exclamou, rindo-se a não poder mais, um homem de botas, que nesse momento parava o cavallo do outro lado do lamarão!

Confesso que dentro em mim dei um solemne cavaco com aquelle impertinente desconhecido, que assim tão sem cerimonia zombava nas minhas barbas do triste caso, que me succedêra! mas entendendo que era prudente não me mostrar resentido, fingi que tambem me ria, e respondi:



— Atolei-me, sim, meu caro ; dou porém parabens á minha fortuna ; porque descobri neste lamarão um grande pensamento politico !

— Um grande pensamento politico dentro de um lamarão ? Meu joven viajante, apesar do ar com que o diz, a cousa não tem nada que admire ; porque a politica da nossa terra apresenta-se ás vezes com tão máo cheiro, e os politicões fazedores de programas empregando systemas, em que tanta gente se atola, que bem se pôde dizer, que suas idéas são miasmas, que exhalados de um paúl, infeccionão a nação ; mas, se não leva a mal a minha curiosidade ; diga-me : qual foi a descoberta que fez, e a que parece dar tanta importancia ?

— Em quanto este impagavel *ruço-queimado* descansa e reúne todas as suas forças para arrancar-se dos grilhões de lama, que o prendem, vou satisfazer a sua pergunta.

Dizendo isto levantei as pernas, encru-

zei-as muito á minha vontade sobre o arçãõ do selim, e fallei pelo modo seguinte :

— Meu caro, sentindo-me enterrar até os joelhos neste inevitavel atoleiro; comprehendi, que a tal instituição das assembléas provinciaes é um traste de luxo, que para nada presta, e que de nada serve ao paiz; quando muito, convem unicamente a certos meninorios, que dellas fazem escadas para subir á assembléa geral.

— Homem: mas porque pensa assim?...

— Ora! tirei uma consequencia, que o senhor póde tambem tirar, tomando como premissas a mim e ao meu cavallo enterrados neste lamarão. Assembléas provinciaes, que não abrem, nem concertão estradas, que não cavão canaes, que não levantão pontes, não valem de certo as despezas e os incommodos, que se tem com ellas; e o que se observa é, que o povo se afoga nos rios, e se átola nas estradas; portanto, fóra comtaes assembléas provinciaes!

— Chama-se a isto pagar o mal que não fez! exclamou o homem das botas.

— Sou neste ponto o echo de muitos estadistas do paiz, respondi.

— Isso vejo eu, que não sou cego; os novos Saturnos querem devorar o proprio filbo, e para desacredita-lo afim de que a favor delle ninguem se lembre de querer quebrar uma lança, tratão de pô-lo pelas ruas da amargura, carregando-o de calumnias. Diga-me cá, meu amigo: que podem fazer as pobres assembléas provinciaes, no que diz respeito ao ponto de que se queixa? ... nada mais do que isto: ordenar a construcção das obras, e conceder para esse fim os fundos necessarios: — ora, as assembléas provinciaes, de que o senhor tanto se está queixando, não se descuidão de cumprir com esse dever, e ás vezes cumprem-no até de mais; entretanto, além do poder, que legisla, ha o poder, que executa; além da assembléa provincial, ha

o presidente da provincia : e o senhor sabe o que é um presidente de provincia ? . . .

— Pelo menos tenho a vaidade de suppôr que sim.

— Meu caro , as cousas podem definir-se conforme ellas são , ou conforme ellas devem ser ; eu prefiro sempre defini-las como ellas são , e portanto entendo e digo , que o presidente de provincia é uma autoridade encarregada de não executar as leis do Imperio , nem as da provincia que administra

— Homem , esta agora é de arromba !

— Defini a coisa como ella é ; quem quizer que defina como ella deve ser ; mas tornemos á nossa questão . As assembléas provinciaes mandão fazer obras , abrir e concertar estradas , levantar pontes , etc. , a prova disso está nesses livros de letra morta , que tem o nome de Legislação Provincial : que acontece , porém ? o presidente da provincia ou não executa as disposições da assembléa , ou quando as executa o faz

pelo modo por que o senhor está vendo neste lamarão !

— Logo ?

— Logo as assembléas provinciaes assim mesmo como vão, fazem o que podem, e os presidentes de provincias, nem ao menos fazem o que devem; mas os taes presidentes são politicões, ou creaturas dos politicões, e os deputados são filhos de uma instituição popular; por consequencia, carreguem os deputados com as culpas dos presidentes: eis ahi a verdade.

— Mas, em tal caso: porque não sabem os deputados tomar severas contas, censurar, e responsabilisar os presidentes de provincia ?

— Ora.... porque entre nós o *voto livre* exprime sempre, e seja como fór, a vontade de quem domina; e o povo vota sempre em quem governa, porque sabe, que quando assim o não quer fazer fica reduzido a cão leproso, que apanha e não tem quem lhe

acuda ; e portanto , os deputados provinciaes são , em regra geral , escolhidos a dedo pelos presidentes de provincia .

— Por consequencia , a *coisa* vai mal !

— Oh lá se vai ! e queira Deos que não vá ainda peor ! A' nação anda muito incommodada , e os medicos que tratão della , são peiores do que os curandeiros aqui da roça .

— E o remedio ? . .

— O remedio seria bem simples ; bastava que cada um tratasse de si e não se mettesse com a vida alheia .

— Como assim ?

— É assim mesmo ; bastava que o governo se occupasse unicamente daquillo que lhe compete , e não se mettesse com a vida do povo , envolvendo-se nas eleições , que são a pedra angular do systema que nos rege ; é endireitarem o carro para essa verdadeira estrada , que verãõ a boa viagem que faz ! Com eleições livres os ministros

Tratão de andar direitos, porque sabem que tem de dar contas ás camaras; os deputados procurão zelar os interesses publicos, porque sabem que tem de dar contas ao povo; e o povo quasi sempre vota bem, porque sabe que votando escolhe o juiz para sua demanda. O voto livre é a variuha de condão do systema representativo; e em ultimo caso eu prefiro o sôco inglez das eleições das Ilhas Britannicas ás espadas e espingardas dos soldados e beleguins da policia da nossa terra; mas isso não faz conta aos maganões, que se revesão no poleiro, pois podia acontecer que o maldito do povo mandasse ás camaras alguns diabinhos da mão furada, que fizessem tocar a retirada aos tutores obrigados do paiz: olhe que havia de ser uma festança ver os pais da patria cedendo o lugar aos filhos do povo! ..

— O senhor me está parecendo um pouco republicano!

— Oh lé! tambem é moda fallar assim;

hoje em dia quem não jura nas palavras dos ministros e de seus primeiros agentes, recebe logo o diploma de republicano ; a monarchia se resume nelles ; trazem a monarchia na barriga , e aquelle que lhes faz uma careta , fica logo revolucionario. Ainda bem que não ha mais quem se engane com elles ; a monarchia brasileira é bella como uma obra do Céu , e não se pôde por modo algum identificar com os taes maganões , que , se os julgarmos por suas obras , devem ser feios como o pé de pato !

— A consequencia, pois, de toda essa nossa conversa é , que eu me enganei redondamente, quando suppuz ter encontrado neste lamarão um grande pensamento politico : não é assim ?

— Eu o creio.

— É pena , meu caro ; porque bem quizera ter achado alguma cousa , que me consolasse da contrariedade porque passei.

— Não se lastime ; meu joven viajante ;



se não deparou com o pensamento politico, que suppoz, achou pelo menos outra cousa, que vale tanto como isso, no lamarão em que se acha atolado.

— Então o que? ..

— O retrato do deleixo do governo da provincia.

Ainda bem.

Neste momento o *ruço-queimado* fez um esforço para sahir da triste posição em que se achava ; aproveitei o impeto brioso do prudente animal, e enterrando-lhe as esporas no ventre, consegui, a muito custo, fazê-lo sahir do tremendo atoleiro.



## CAPITULO II

Como depois de se demonstrar que ás vezes idéas muito feias se encapotão em phrases e palavras muito bonitas, e que ás vezes se perde quem deixa o atalho para seguir a estrada real, convem o homem das botas em dizer quem é, e mettendo-se na politica geral, conta uma historia de porcos e de milho, que traz seu dente de coelho, e no fim della se vê arder a casinha de um pobre, e logo adiante ouve-se um nêné, filho de um inspector de quarteirão, lendo um artigo da Constituição do Imperio.



**PENAS** me vi são e salvo, fóra do maldito atoleiro, soltei um grito de alegria; mas como neste mundo não pôde haver gosto sem desgosto, que de perto o siga; logo depois me senti entristecer vendo-me todo enlameado; e para satisfazer meu justo despeito, tornei a dar ao diabo a

barreira, e quem tivera a lembrança de estabelecê-la.

— Então que é isto?... perguntou-me o homem das botas, que se conservava parado do outro lado do lamarão.

— Ora é boa pergunta! respondi: pois não vê o miseravel estado em que ficarão as minhas calças e o meu paletó?

— Queixe-se de si, meu joven viajante: atolou-se e não conseguiu passar o atoleiro, porque não soube ser dextro, nem cauteloso.

— Vamos a melhor! a menos que o senhor voltasse para casa, e perdesse a viagem; como, suppondo-se no meu caso, deixaria de se enterrar neste tremendo lamarão, como eu me enterrei?

— Com dextreza e cautela, meu caro, fazem-se milagres nesta vida, e milagres de gymnastica muito principalmente: creia, que quando ha *geito* e faz conta passar *de um lado para outro*, passa-se mesmo através de

um atoleiro, com finos sapatos envernizados e meias de seda; verdade seja, que sempre se fica com algum cheirinho do lamaçal; mas o viajante, a quem fez conta *passar de um lado para outro*, depois das terras baixas, em que andava: sôbe as serras, e o ar delicioso das alturas o purifica.

— Não o entendo, meu amigo!... o senhor falla-me uma linguagem muito metaphysica.

— Qual! se não fosse o miseravel cavallo em que o vejo montado, eu o faria passar muito limpamente cá para meu lado, ahí mesmo por cima do atoleiro; mas visto que estas *passagens* são proprias sómente para aquelles que estão a pé; vou-lhe ensinar um atalho por onde virá a ter comigo sem o menor incommodo. Olhe, ande umas quatro braças para trás e tome por um atalho, que fica ao lado esquerdo. .. ao lado esquerdo, ouvio?. .. não se metta pelo do direito; lembre-se bem disto: nada de direito; o direito é actualmente um anachronismo

Pelo sim, pelo não, aceitei o conselho do homem das botas : andei as quatro braças para trás, e entrando no atalho designado, contei achar-me bem depressa do outro lado do atoleiro e na estrada real; mas estava escripto, que tudo nesse dia tinha de sahir às avessas do que eu pensava!

Sempre entendi, que um atalho é um caminho mais curto do que a estrada real; aquelle porém em que eu acabava de entrar era vinte vezes mais comprido: estava no caso dos orçamentos de despezas do Imperio, em que os artigos additivos são mais extensos do que todo o corpo da lei. O homem das botas chamava *atalho* ao mais evidente e dilatado *desvio*.

E, entretanto, pensando-se bem sobre o caso, reconhece-se que o homem das botas fez o que faz muita gente de gravata lavada: designou um objecto com o nome que pertence a outro absolutamente diverso; escondeu com a consoladora denominação de *atalho*

a idéa antipathica e massante, que revela a palavra *desvio*. Assim mesmo é que se deve fazer: a vida humana é uma burla mais ou menos prolongada, e o homem mais eminente, mais habil, e mais digno de gerar respeito é aquelle que melhor e mais vezes engana os outros.

Quando se quer fazer admittir, ou pôr em acção um pensamento, ou um systema, que convem aos nossos interesses, embora seja nocivo aos outros, faz-se a mesma cousa, disfarça-se o bicho dando-se-lhe um nome sonóro; adorna-se a *facaltrua* com uma palavra que sôe bem aos ouvidos; pratica-se o mesmo que pratica a velha feia, enrugada, e que ainda querendo casar, esconde os cabellos brancos em uma touca de blonde, e cobre as rugas do pescoço com adereços de brilhantes; neste caso a touca e o adereço tomão o lugar da palavra: a velha é bicho, ou o casamento a *facaltrua*.

Se são capazes, digão que não é assim.

Pois seria a primeira vez , que se enca-  
potasse uma idéa reprovada e perniciosa com  
uma palavra sonora ou pomposa?... ora!  
se só os homens de botas fizessem isso, meio  
mundo andaria de botas: *verbi gratia* — te-  
rião andado de botas os taes fradecos da  
inquisição, que ao mesmo tempo que assavão  
em crepitantes fogueiras os pobres infelizes,  
que lhes cahião nas unhas, desenrolavão ante  
a multidão os estandartes do Santo Officio,  
nos quaes o povo lia a divisa *Justiça e Cle-  
mencia!* era uma clemencia que tinha o seu  
cheirinho de carne assada. Terião andado  
tambem de botas os devotos de Robespierre,  
que em 1793 saudavão as cabeças que ca-  
hião da guilhotina com o grito enthusias-  
tico de *liberdade*: era uma liberdade com  
cheiro de sarrabulho. E tambem de botas  
terião andado aquelles embaixadores e po-  
litições da Grecia, que trahindo os mais  
nobres e sagrados sentimentos e deveres  
pelas dadivas, presentes, e promessas do



rei de Macedonia, defendião com calor e empenho a necessidade da *conciliação* com Philippe; era uma conciliação, que trazia almiscar de corrupção.

Seria um nunca acabar, se quizessemos ir adiante: porque *clemencias* de inquisição, *liberdades* a Robespierre, e *conciliação* de politicos são falcatruas engraçadas, muito communs na historia da humanidade, e que fazem muita honra aos seus inventores e repetidores.

De tudo isto se conclue, que a cousa não está nas botas: disfarçar uma acção, que os tolós e papalvos considerão immoral ou indigna, dando-lhe um nome que só pertence a uma idéa generosa e pura, já eu o disse ácima, e agora *dou capo*, é um facto, que se vê reproduzido todós os dias, não sómente pelos homens de botas, mas ainda por aquelles que calção sapatinhos com fivela, meias de seda e calções, como os conegos e os antigos cortezões; pelos que andão de béca ou,

garnacha, como os desembargadores; pelos que trazem chapéo armado na cabeça, dragonas nos hombros, espada á cinta, e esporas de ouro nos botins, como os generaes; e emfim (para ir de uma vez ao exemplo mais frisante) por aquelles que trajão calças com galão de ouro e fardas de ricos bordados do mesmo metal; e que tem sobretudo carradas de razão, sempre que dizem alguma cousa, e carradas de juizo sempre que estão calçados; e que sobre tudo nunca tem attenção para ouvir queixosos, nem palavra para cumprir promessas: acabei com uma descripção tão completa, que todo mundo adivinha que eu quero fallar dos ministros de estado, vulgo, fazedores de programas.

É verdade, programma de ministros! ora haverá burla mais franca, usada e já conhecida do que o programma politico de um ministro novo?... onde se encontrará mais palavras *assim cheias de phosphoros*.

mais palavras, que escondem o contrario do que significão, do que nessas peças de falcatrua ministerial?... supponhamos que eu tenho certeza de subir ao ministerio amanhã: o que se passa em mim?... franqueza no caso; lá vai: já desde hoje me estou preparando para cahir de unhas e dentes sobre os meus adversarios; já de hoje estou resolvido a persegui-los, prendê-los, recruta-los, espantifa-los, a fazer emfim o diabo a quatorze contra a tal sucia de opposicionistas, mas chega o dia de amanhã, vejo-me no poleiro, e apresento-me ás camaras; levanta-se lá um dos taes parlamentares, e pergunta qual é o programma do novo ministerio. Digão-me agora: eu havia de cahir na corriola de pantear o meu programma occulto?... pois não! faço o que fizerão os meus antecessores; não digo senão o que me faz conta: ergo-me por minha vez, e exclamo: « *O nosso programma se resume todo em uma só palavra: ei-la — tolerancia! —* » A chusma dos

independentes, que já trazem requerimentos nos bolsos da casaca, e que já me derão terribes atracções nas ante-salas, brada a uma voz : *apoiado !.. bravo ! muito bem !...* » e eu volto d'ahi a pouco para a minha secretaria, e começo a executar o meu programma de *tolerancia*, demittindo a uma boaduzia de empregados publicos, que são em verdade excellentes e honrados servidores do Estado, e chefes de numerosas familias; mas que têm tambem o desaforo de não pensar como o ministro novo.

Verdade, verdade: a geringonça não é tal e qual?

Sim, façamos de conta ainda que amanhã serei ministro: segue-se d'ahi, que já em todo o dia e noite de hoje vou sentindo que a Constituição e as leis do Imperio incommodão-me tanto, como um sapatinho justo a um pé cambaio; a Constituição é o pesadelo, o trambolho, o peguilho de um ministro; as leis do Imperio são acanhadoras como

sôltas, ou maniotas, e incommodas como se fossem espinhos e carrapichos que se apegassem ás excellentissimas fardas : o primeiro pensamento, a meditação da primeira noite de um ministro novo devem dizer respeito exclusivamente á melhor maneira de dar férias á Constituição e suêto ás leis do Imperio: eu, igual aos outros (e o povo ha de crêr que sim ; porque até agora quasi todos tem sido iguaes uns aos outros : é, como diz o vulgo, cara de um, focinho do outro!) pois bem : eu igual aos outros, juro aos meus afilhados, á minha ambição de dominar, ao meu espirito de vingança, e ao meu scepticismo politico fazer tanto caso da Constituição, e das leis, como um patriota, que conseguiu emfim ser senador, dos eleitores que votárão nelle; passa porém a noite, chega o dia de amanhã, e com elle a horá do programma : eis-me no parlamento. — *Peço a palavra!* (movimento de curiosidade ; profundo silencio). Levanto-me e fallo ; « *Senhores! o minis-*

*terio protesta, que ha de executar, e fazer executar religiosamente a Constituição e as Leis do Imperio.* » Dito isto, metto-me no carro, e enquanto os pais da patria ficão lá de boca aberta, venho eu mais que depressa assignar no primeiro aviso uma interpretação juridica que me faz conta, e que atira com uma lei de pernas ao ar; e na primeira portaria uma disposição tão bem tomada, que dá um encontrão no *pacto fundamental*, que o põe logo fóra dos *fundamentos*.

Verdade, verdade : a cousa não é assim ?...

Fica, portanto, evidentemente provado, que um programma ministerial é um aggregado de palavras, que servem para exprimir o contrario do que os ministros tem no pensamento, e pretendem fazer : ora, isto é muito bem feito, e assim mesmo é que deve ser ; porque o povo é um toleirão, que gosta de apparencias, e de phantasmagorias, e nunca se aproveita bastante das lições, que lhe dá a

experiencia, que é uma mestra, cujas lições se págão muito caro ! É verdade que ainda fóra do parlamento, e ainda depois de se tornarem notaveis pelos abusos que commettem, es ministros continuão sempre protestando o seu respeito, e desvelado culto á Constituição e ás leis ; d'ahi, porém, não se segue, que elles não sejam os seus primeiros violadores. Tambem os grandes criminosos, que a sociedade condemna com horror, vão frequentemente ás igrejas, e lá rezão com tanta compunção, apparente ao menos, e batem nos peitos com tanta força, que mais parecem santos, do que diabos. Todos os diabos são assim, sem excepção dos máos ministros de estado, que são excellentissimos diabos.

Mas, como me arredei eu tanto da materia principal, que até acabei por embrulhar-me em programmas ministeriaes ?... Quanta coisa dita fóra de proposito ! está bem ; não faz mal : fação de conta que sou deputado, e que, o que acabo de dizer é um discurso sôbre o *voto de gráas* ; vamos adiante.

Em que ponto me achava eu?... diabo! perdi-me no diluvio de minhas brilhantes idéas, como o mais atilado dos nossos legislas no pasmoso labyrintho das leis do Imperio! e por fallar em leis do Imperio, lembrarei de passagem, que, segundo diz meu sabio Tio, as camaras e os ministerios da nossa terra, graças ao predominio da magistratura, assemelham-se muito aos *porquinhos da India*.... em fecundidade sómente.

Mas.... se bem me lembro, eu estava fallando do *désvio*, que o homem das botas chamou *atalho*. Era isso mesmo.

E o tal famoso atalho é tão enfadonhamente comprido, que ainda não acabei de vencê-lo; mas enfim.... lá descubro a estrada real, e o homem das botas, que me está esperando. Dentro em cinco minutos estou rente com elle: deyo, entretanto, empregar estes cinco minutos em alguma observação philosophica: eu sou um philosopho de arromba, e não posso estar um só momento sem



reflectir sobre as cousas deste, e até mesmo do outro mundo : pareço-me neste ponto muito com certos sujeitos, que empregão todo o seu tempo, e *sacrifício* toda a sua vida, tratando de fazer o *bem da patria*; a unica differença que ha entre mim e elles, é que o thesouro público não me paga as minhas philosophias.

Meditemos, pois.

Diz um antigo anexim, que *ninguem deve deixar a estrada real para seguir o atalho* : eis aqui, porém, um facto demonstrando com a sua logica de ferro, que ás vezes convem até deixa-la por um *desvio*, quanto mais por um *atalho* ! Isto é quanto ás viagens physicas ; porque no que diz respeito á viagem moral, que o homem faz através dos montes e valles e dos despenhadeiros e precipícios da vida humana, o anexim dos antigos torna-se mesmo uma sandice miseravel.

Com effeito, quem enxergar sómente uma pollegada adiante do nariz, convencer-se-ha logo ao primeiro intuito, que a prudencia e

a sabedoria ensinão que na viagem da vida humana ganha sempre mais aquelle, que abandona a estrada real pelo *desvio*, ou ainda melhor *pelos desvios*; porque neste caso é evidente que a estrada real só se trilha com a pratica severa da virtude, e quando o homem toma por guia de suas acções e por pharol de seus passos a — consciencia — tudo ficções inventadas por poetas, que é gentinha que anda sempre com a cabeça no mundo da lua; os desvios, pelo contrario, levão ao gozo de trinta mil prazeres o homem que por elles se dirige na vida, desprezando todas essas *nico-tices* á que dão o nome de *honra, dedicação, incorruptibilidade* (e muitos outros palavrões, que enchem a boca e deixão vasia a barriga: asneírolas, em que todos fallão, e de que poucos fazem caso!), e tendo sómente em vista o interesse individual, como unico movel de todas as acções.

Se não basta este simples enunciado para tornar bem patente toda a falsidade do ane-

xim, considerado em relação á moral, imagine cada um a vida que passa o homem pobre e honrado, e a compare depois com a vida que goza mais ou menos cedo o homem, que começou tambem pobre, mas que não crê na virtude, nem a pratica, e que se mostra sempre superior a todas essas *vãs considerações*, que, no dizer dos papalvos, são a base de toda a sociedade.

Ahi temos um homem pobre, e honrado em toda a extensão da palavra! segue á risca as leis de Deos, e obedece á dos homens, a mentira nunca nodou seus labios, nem lhe fez corar as faces; nunca um pensamento immoral lhe ennegreceu a alma; e preferiria antes morrer de fome e de sede a viver na abundancia, usurpando a fazenda alheia; trabalha noite e dia para dar pão a seus filhos; tem uma consciéncia pura, um coração cheio de honra, faz a seus semelhantes o bem que pôde; em uma palavra, cumpre todos os deveres de um christão, que tem fé, e todos os deveres de um

cidadão, que ama a patria. Mas.... é pobre! pobre nasceu, vive pobre, e ha de pobre acabar : que lhe faça muito bom proveito!

Quem faz caso deste pobre diabo, que andou sempre pela estrada real?... Quem *honra a sua honra*?... Quem o aprecia e distingue na sociedade dos homens?...

Se elle espirra, nem lhe dizem — *dominus tecum!*

Quando passa na rua, ninguém lhe cede a calçada, ainda que o vejão manquejando, porque é um *farropilha de jaqueta*; e o carro do rico, mesmo rico sem honra, atira-lhe terra nos olhos, e lama no nariz!

Se vai fallar a um ministro, nunca o acna em casa, e o correio o despede na escada.

Se faz alguma visita, causa receio de que vá pedir alguma cousa; e ainda que nada peça, se prolonga um pouco a visita, dizem-lhe nas costas: « *que maçada!* »

Quando requer o seu direito, torcem-lhe

o nariz : se protesta e recalcitra, mandão-no para a cadêa.

Se servio algum emprego, em que facilmente pudesse abusar, e assim fazer dinheiro, e preferio ficar na sua honesta pobreza, e passa depois na rua com a casaca mostrando os cordões, não dizem : *lá vai um homem de bem*; apontão-no com o dedo dizendo em tom de mofa ou de piedade : *lá vai um tolo que não se soube aproveitar*.

Se regeita um emprego de confiança para não tornar nem mesmo duvidosa sua firmeza politica, os *saltimbancos* chamam-no *excentrico* ou *burro emperreado*.

Se tem filhas, custa a casa-las, ou deixa-as ao desamparo, quando morre : se tem filhos, recrutão-nos : e elle que não tuja nem muja, porque filho de pobre é pelintra, e o unico que deve ser recrutado.

Tem tres direitos : ser guarda nacional, jurado, e votar nas eleições primarias ; mas quando falta á ronda ou á parada, é o unico

que vai preso; quando não comparece no jury é multado sem remissão; e se no dia da eleição vai á matriz, dão-lhe uma chapa para levar á urna sem lér: se elle hesita, offerecem-lhe dous mil réis pela consciencia; se elle respinga, ameaçáo-no; e se ainda assim não cede, mandáo-no prender d'ahi a dias para indagações policiaes!... e é muito bem feito: pateta insolente: porque não havia de aceitar os dous mil réis?... pois ha consciencia de pobre, que valha mais de seis patacas e quatro vintens?!

Almoça pão duro; janta feijão aguado; muitas vezes na hora da ceia faz cruces na boca; e na cama dorme ao som de uma orchestra de mosquitos, terrivel familia de sopranos creada e sustentada na côrte pela Illustrissima Camara Municipal nos lamaças hygienicos da cidade.

Se adoce, descontáo-lhe o ordenado, ou tiráo-lhe a gratificação (se é empregado publico) e ainda em cima chamáo-no vadio:

se está de saude, fazem-no adoecer de trabalho.

Se é musico, desafina ; se é padre, não lhe encommendão sermões ; se é pintor, bórta ; se é actor, não tem partido, e leva pateada ; se é operario, chama-se *canalha*.

Por premio das virtudes que tem e dos serviços que presta, ganha um *habito* : aquelle com que se enterra.

Se não acaba em um hospital, morre em casa em uma esteira velha.

E quando morre não deixa um amigo, que lhe rese por alma, e acaba ao menos com esta certeza consoladora ; — não tem depois de morto poetas de certa ordem, que lhe fação versos.

Ora, em uma sociedade que assim raciocina e pratica, o diabo que queira ser *pobre honrado!* não cahe nessa o Sobrinho de meu Tio, que é homem digno do seculo em que vive e interprete fiel da actualidade!

Agora o quadro opposto.

Bem entendido : eu não trato aqui do homem honrado e rico, que teve desde o berço honra e riqueza, nem de muitos e muitos, que trabalhando incessantemente e ajudados sempre pela fortuna, conseguirão chegar á opulencia sem o menor sacrificio da honestidade. Faço os meus cumprimentos a todos esses senhores ; desejo-lhes muita saude e cem annos de felicidades ; mas ponhão-se de largo, que o meu negocio agora não é com elles.

Homens de bem, ricos e pobres.... á recta-guarda : tratantes ricos — á frente!...

Ha povo como formiga!... Que multidão tem chegado á California trilhando pelos *desvios!*...

Ora pois, consideremos ao acaso um de tantos : seja aquelle figurão, que alli vai repotreado em um magnifico e soberbo carro.

Era ha poucos annos um miseravel diabo, que vivia de *suas agencias*, e mais não disse ; não tinha onde cahir morto, e portanto ninguém fazia caso delle : mas não ha nada como



ter juizo !... o maganão atirou-se ao commercio, e foi de um salto ao apogêo da fortuna ; eis o caso : primeiro abriu uma casa de seccos, e *quebrou* ; metteu-se logo nos *molhados*, e *quebrou* outra vez ; excellente principio ! o quebrado ficou inteiro, e os credores com alguns pedaços de menos ; depois, dinheiro a juros, tres ou quatro por cento ao mez para servir aos amigos ; um pouco mais aos indifferentes ; duas duzias de alicantinas por anno, e o suor alheio nos cofres do espertalhão : uma terça deixada em testamento por um estranho, e arrancada aos *malvados* parentes do morto ; aqui ha annos atrás o commercio de carne humana, que era um negocio muito licito , negocio molhado e secco ao mesmo tempo, porque se arranjava por mar e por terra, *terra marique* : vai senão quando, no fim de dez ou doze annos o pobretão apparece *millionario* !

Mudão-se as scenas ; d'antes ninguem tirava o chapéo ao indigno tratante, olhvão-no todos

com desprezo, era um bicho que causava tédio, além de máo, era pobre; mas, ó milagrosa regeneração! ó infallivel poder do ouro! o antigo malandrim já é um homem de gravata lavada! banhou-se no Jordão da riqueza, e ficou limpo e puro de todas as passadas culpas!...

E por ondê chegou elle ao cume das prosperidades?... pelos *desvios*; se tivesse vindo pela estrada real, estava na esteira velha.

É verdade que, o tal bargante, para se enriquecer, fez a desgraça de muita gente: mas que tem isso?... não goza elle agora muito socegradamente a sua immensa riqueza?...

Quebrou fraudulentamente, pregou calotes, offendeu as leis de Deos, e zombou das leis dos homens; ora viva! cousas do tempo da nossa avó-torta; aguas passadas não moem moinho: dize-me o que tens, que eu te direi o que vales: bravo o nosso figurão!...

Todos o festejão, diplomatas, conselheiros,

senadores, deputados, ministros, emfim a fidalguia toda da terra !

Dizem que é seductor e libidinoso ; historias da carochinha ! todas as portas se abrem para elle, todas as familias o recebem em seu seio !

Se dá um baile, não ha fidalgo que deixe de ir dansar na casa do ex-velhaco : se é solteiro, ainda que seja feio, velho, e tenha fama de máo e de bruto, as mãis mettem-lhe as filhas pelos olhos a dentro.

Quando apparece no theatro, os grandes figurões quasi que quebrão o espinhaço, fazendo-lhe cortezias.

Antigamente era um farropilha, um trapaceiro desprezivel ; agora é o amigo de cama e mesa do senhor marquez ; é o compadre da senhora viscondessa ; é o *fidus Achates* do senhor conselheiro ; é o querido, o nhônhô, o *não-me-deixes* das moças. O diabo do di-nheiro faz até de um mono um cupidinho, e transforma uma azemola em um rouxinol !...

Dizem, que é estúpido : elegem-no deputado, ou votação nelle para senador. E fica sabio !...

Tem fama de gatuno : nomeão-no thesoureiro. E fica honrado !

Accusão-no de todos os sete peccados mortaes, e ainda dos quatro que bradão ao céu ; fazem-no juiz ou mordomo de dez irmandades. E fica santo !...

Passa emfim vida regalada, embora alguns nas costas lhe mordão ; tem tudo quanto deseja e aspira : festas, favores e honras, ainda que pela boca pequena o abocanhem : e, para dizer tudo, fica sendo um senhor da terra, como muitos outros senhores da terra.

Viva pois o' dinheiro, que tudo o mais é historia !

A unica cousa que se não pôde assegurar, é como passará o tratante millionario na eternidade ! Mas tambem isto de refigião, eternidade, peccados, purgatorio, inferno e o proprio céu, são bruxarias do outro tempo, que

já não fazem mossa nos espiritos fortes : são pelas poeticas, (e tão poeticas como as taes virtudes sociaes !) inventadas pelos padres para enganar os papalvos : hoje em dia todas essas phantasmagorias cahirão em desuso, e predomina victorioso o interesse material ensinado magistralmente pelos grandes estadistas do seculo, e mesmo por alguns do nosso paiz.

Viva pois o dinheiro, repito : viva o dinheiro, que é a unica realidãde ; e portanto tinha eu carradas de razão, quando declarava, que na viagem da vida os *desvios* são sempre mais proveitosos do que a estrada real ; porque os *desvios* nos levão á California, e a estrada real é o caminho da esteira velha !

E não me venhão cá em opposição ao que eu digo e sustento, com longos discursos phosphoricos, e maçantes brilhaturas de eloquencia e de poesia, porque em tal caso eu me levanto armado com a historia do passado, que é pouco mais ou menos a mesma do presente, como será a mesma do futuro.

Alli temos , por exemplo , o Sr. Socrates , marchando muito senhor de si pela estrada real , dando o exemplo de todas as virtudes publicas e domesticas , prégando que a prática do bem é o mais seguro meio de se conseguir a felicidade , e merecendo emfim o titulo de rei da razão : pois bem , o que lhe acontece?... Lycon , que era um politicoão , como alguns que temos , ajunta-se com mais dous compadres , e dão o bóte no sabio , que bebe a cicuta e vai-se , como um passarinho !

Olhemos agora para os *desvios* : lá vai por elles Dionysio , o antigo , pobre filho de soldado , deu um pontapé na virtude , e correu á rédea solta , e tantas fez , que se tornou senhor de Syracusa : encarapitado no poleiro , banhou-se no sangue do povo , e encheu os seus cofres de riquezas e thesouros usurpados até aos proprios deoses , cujo culto seguia ; e assim reina trinta e oito annos , e morre com sessenta e tres de uma indigestão . se não fosse a indigestão , que é molestia muito pro-

pria de glutões políticos, creio que o tal bichinho passava dos cem annos correndo pelos *desvios*.

Ahi vai outro pela estrada real: é Régulo, homem de bem às direitas não ha duvida nenhuma; e exactamente por ter provado sê-lo, cortarão-lhe as palpebras e o amarrarão ao sol ardente; e emfim prendêrão-no em um caixão todo eriçado de prégos: o diabo que lhe inveje a cama! Agora alli desenca-breza Sylla pelos *desvios*, tigre sedento de sangue, devasso faminto de deboche, gozou tanto, que elle proprio se chamava o *feliz*, e se não são os piolhos, que lhe dão cabo da pelle, julgo que nem o cholera-morbus, quer masculino quer feminino, podia obriga-lo a fazer ablativo de viagem!

Oh lá! por alli se encaminha o Sr. Thomaz Morus pela estrada real; sabio e integro, não ha què se lhe dizer: homem de honra e de character firme, deixa o conselho de Henrique VIII, porque reprova as reformas que o rei

quer introduzir na Igreja; está bem aviado!... a teima ainda nas suas idéas!... pois lá vai morar na Torre de Londres, e depois o algoz lhe corta a cabeça! A proposito de firmeza de character vejo lançando-se cauteloso pelos desvios o Sr. Talleyrand-Perigord, principe de Benevento: o maganão é côxo; mas desce por uma ladeira escorregadia tão macio e seguro, como se estivesse passeiando em uma sala de baile! atravessa um reinado que acaba em um patibulo, uma republica que morre aos pés de um soldado, um imperialato que espira em uma batalha, mais dous reinados, dos quaes o ultimo rebenta d'encontro a uma barricada, e entra por outro reinado a dentro, como quem vai de viagem, e sempre fazendo um dos primeiros papeis na geringonça politica! vê matar-se um rei, e não morre; vê cahir por terra uma republica, e não cahe; vê abdicar um imperador, e não abdica; vê fugir outro rei, e não foge!.. Viva o homem! é da tempera de uns amigos que eu



tenho! Quando teve de prestar juramento ao ultimo rei que conheceu (Luiz Felippe), dizem que exclamára com um gracioso sorriso; « *Hello! sire, c'est le troisième.* » E morreu **socegadamente** com os seus oitenta e quatro annos bem puxados! Foi pena que não estivesse vivo em 1848 e em 1851, para prestar mais dous juramentosinhos. Se Talleyrand fosse Brasileiro, e do nosso tempo, já teria sido *saquarema* cinco ou seis vezés, e *luzia* outras tantas; mas havia de encontrar competidores de barrete fóra!

Por consequencia, os *desyios* são sempre mais convenientes ao homem, do que a *estrada real*; está dito: é verdade que os contemporaneos, e a posteridade, derão a Dionysio e a Sylla o nome de monstros, e lanção sobre Talleyrand a accusação de perjuro; é verdade, que o rico tratante, apesar de todas as *cortezias* que recebe, e dos incensos que aos pés queimão, é e ha de ser sempre um tratante; é verdade que, finalmente, vem a

morte, e depois... e depois a tal *ficção poetica* da eternidade tambem é e ha de ser sempre a esperança, a consolação, o premio seguro dos bons, e o castigo terrivel dos mandrins e perversos; mas. ... diz tambem um outro antigo anexim « ande eu quente, e ria-se a gente ». E esta pelo menos a philosophia e a moral do seculo e da *actualidade*; se preguei uma doutrina corruptora e infernal, a culpa não é minha, porque eu já disse, repito, e digo agora pela terceira vez, que não faço mais do que seguir as lições dos grandes mestres ou dos mestres grandes, que vem tudo a dar no mesmo.

Para cinco minutos de reflexões já disse muita cousa: ajuizem por isto a velocidade com que anda o cavallo de meu Tio!... Ainda bem que fiz ponto final em minhas considerações philosophicas exactamente no momento em que o *ruço-queimado* abaixou a cabeça até bater com o focinho no chão, fazendo um comprimento á mula-ruça em que está montado o homem das botas.

— Até que enfim!... disse este.

— Sim, senhor, respondi eu: o seu *atalho* demonstrou-me que, ao contrario do que dizem todos os grammaticos, o nome é uma voz com que se encobrem as idéas.

— Confesso que o atalho é um verdadeiro *estirão*; ao menos, porém, livrou-o do atoleiro: toca a viajar!

— Como! pois o senhór não vai para o lado da barreira?

— Nada; tenho o prazer de voltar na sua companhia.

— Se não fosse muita curiosidade, estimaria saber com que fim.

— Adivinhei, que não lhe dá gosto o andar só, e assentei que fariámos bem em andar juntos.

— Obrigado; mas realmente não sei como agradecer tão assignalado favor feito a um estranho e desconhecido.

— Não havia nissó de que se admirar: faça de conta que estamos em uma época de vir-

tude evangelica , na qual se fazem favores e presentes aos adversarios , quanto mais aos desconhecidos! entretanto , fique sabendo, que eu sei quem é o senhor , e o que vem fazer por aqui.

— Esta é melhor !... então....

— O senhor é o sobrinho de seu Tio , e vem estudar no livro da sua terra.

— Pois meu Tio....

— É um compadre deste seu criado , a quem elle encarregou de fazer-lhe companhia nesta viagem.

— Ainda bem!... O seu nome?...

— Conhecem-me menos pelo meu nome , do que pela minha alcunha.

— Venha um , ou outra !

— Lá vai a alcunha : chamão-me *Pa-*  
*ciencia.*

— Diabo! derão-lhe um appellido feminino!

— Outros ha , que tendo nome e alcunha

acabados em o, são muito peiores do que eu, porque têm natureza macho-femea.

— Leva de má lingua, Sr. *Paciencia*.... nada! senhor, não: hei de tambem chama-lo o compadre *Paciencia*; é cousa decidida; meu Tio e eu somos solidarios; bem entendido; eu não tenho remedio senão sê-lo, porque do contrario exponho-me a que elle me ponha pela porta fóra; ha solidariedades como a minha, creia no que lhe digo: meu Tio e eu somos pois solidarios; o senhor é compadre de meu Tio, logo é meu compadre tambem.

- Vá feito.

— A unica cousa que nos falta, é o afilhado.

— Isso acha-se depressa: estamos na terra dos compadrescos e dos afilhados; a moda está mesmo tão introduzida, que já não se faz nada, nem cousa alguma se consegue sem padrinho; e padrinho hoje em dia é synonymo de innocencia para o grande criminoso, de

sabedoria para o analfabeto, de merecimento para o indigno.

Entabolada assim a conversação, proseguí na minha viagem com o compadre *Paciencia*.

O meu companheiro de viagem, a quem nunca mais chamarei *homem das botas*, porque seria o mesmo que chama-lo homem da roça, e *homem da roça* é uma entidade especial, que não presta para nada, e de quem os politicos só se lembrão em vespersas de eleições; o meu companheiro de viagem, digo, ia tão mal montado como eu.

— Cavalgava uma mula-ruça pequenina, velha, cambaia, e que não tinha senão um trotezinho curto e abaloso; mas o que me causou um verdadeiro sentimento de compaixão, foi o ar de triste *sympathia* com que o cavallo de meu Tio, e a mula-ruça do compadre *Paciencia* se olhavão; não sei o que tinhão aquelles dous bichinhos da terra para irem assim andando e olhando-se tão melan-

colicos, como dous bois que marchão para o matadouro. Emfim, provavelmente elles lá se entendem!

O compadre *Paciencia* continuou a sua conversa comigo.

— Então, perguntou-me elle : persiste ainda nas suas disposições de se envolver em politica?...

— Já vejo que meu Tio não tem segredos com o compadre!

— Somos dous corpos em uma alma só; porém vamos: persiste ainda?...

— Estou decidido de pedra e cal; eu cá não mudo!

— *Eu cá não mudo!* principiou logo com uma asneira, quando tratava de politica : meu caro compadre, se quer ser politico, e chegar a ser tido na conta de estadista, e fazer fortuna *com esse modo de vida*, deve ser cata-vento, e ter os pés sempre promptos para quebrar os degrãos, por onde subir, assim que não precisar mais delles.

— Sim, sim, estou por isso; mas também não é menos verdade, que todas essas cousas se fazem, porém não se confessão. Eu hei de afirmar sempre que sou firme como um penedo, ainda que seja molle como uma pamonha!

— Bravo! vá por ahí, que faz futuro! do que diz se conclue, que marchará justamente pelo caminho do inferno; mas console-se, porque antes de chegar ao inferno ha dè subir por muitas grandezas humanas, e talvez mesmo que chegue a ser ministro! Olhe, não seria o primeiro.

— O compadre falla sério, ou está brincando?...

— Sou um roceiro ignorante e rustico, que ainda reza pela cartilha da *independencia*: não faça caso das minhas excentricidades; tenho a mania de ser homem de bem, e de acreditar que a base de toda a politica deve ser a virtude: asneiras de homem da roça!...

— Poesia.... poesia....



— Será isso; mas vamos a saber: qual dos partidos pretende seguir?... o *Saquarema* ou o *Luzia* ?...

— Qual é o que está de cima agora?

— Homem, eu também não sei.

— Pois hei de me informar para me alistar nas suas fileiras.

— Dizem por ahi, que o partido que está no poder é o saquarema; note bem, que eu não o asseguro, porque ás vezes são mais as vozes do que as nozes; parecia-me porém, que o compadre não se devia decidir a favor de qualquer partido, pelo simples facto de vê-lo no poleiro.

— A minha regra é que quem está de cima tem sempre razão; e de mais ainda não comprehendo bem o nosso mystiforio politico: tenha o compadre a bondade de me explicar o que querem os taes dous partidos!

— Eis-ahi uma outra pergunta que me põe em sérios embaraços: o que querem os dous partidos?... conforme, compadre.

— Explique-se, por quem é!

— Distingamos então nos partidos tres entidades bem diversas: a multidão que é a cauda do partido; os co-religionarios pensadores, que fórmão o corpo, e os chefes, que são a cabeça; ora agora, assentemos que cada partido é um animal de nova especie, que tem uma cabeça soffrivel, um corpo desproporcionalmente pequeno, e uma cauda mais comprida do que o *atalho*. por onde passou inda ha pouco!

— Bem fica isso assentado.

— O tal bicho, como é natural, é ordinariamente governado pela cabeça; digo ordinariamente, porque quando elle se desespera, e disparata, tem o máo costume de andar ás avessas, e então a cauda arrasta a cabeça por onde lhe parece, justo castigo, porque é a cabeça quem accende as furias da cauda.

— Bem: e que mais?...

— Dadas estas explicações, respondo agora ao compadre: a cauda de qualquer dos nossos

dous partidos não sabe, nem procura saber o que quer : segue o movimento , que lhe imprime a cabeça , e vai indo : permitta Deos, que lhe não chegue a hora de se desesperar e disparatar !

— Até aqui a` cauda ; vamos agora ao corpo.

— O corpo dos partidos , que é formado pelos pensadores, pensa prêga, sustenta idéas que julga convenientes ao paiz ; mas pôde-se-lhe applicar a *vox clamantis in deserto* : são idealistas , são poetas !...

— *Id est* : são tolos.

— Não ; mas são victimas dos velhacos.

— Já se vê , compadre *Paciencia* , que isto não se entende comigo.

— Os chefes dos partidos , que são a cabeça , excepção feita de meia duzia de homens sinceros e dedicados , que todos respeitão , são egoistas e ambiciosos , cujos principios politicos se resumem todos no pronome — *Eu* — ; trabalhão só a favor de seus interesses

materiaes , lutão e fazem lutar os outros só para se verem occupando altas posições sociaes , que lhes dêem dinheiro e importancia pessoal. Para elles a politica não passa de uma guerra de ambições ignobeis que se define perfeitamente com estas palavras já muito repetidas : « *desce tu , que eu quero subir.* »

— Mas, enfim : que diabo querem os nossos dous partidos ?...

— A cauda de qualquer dos dous não sabe, nem se occupa de saber o que quer ; já o disse uma vez.

— E o corpo ?...

— O corpo de um proclama , que quer *conservar* , bem que vá pelo sim pelo não destruindo muita cousa boa ; e o corpo do outro assevera, que quer progredir. Os *conservadores* dizem que não admittem o progresso politico , porque temem que elle nos atire além dos limites da prudencia ; os *progressistas* repellem os erros do passado ; sus-

tentão que o systema monarchico-representativo está falseado entre nós, e que é indispensavel appellar para diversas reformas politicas, se quizermos que a monarchia constitucional seja no Brasil uma realidade: uns e outros, conservadores e progressistas, dizem ainda muita cousa, mas o essencial é isso.

— E, uma vez por todas, a cabeça o que quer?... o que querem os chefes?...

— Os chefes?... outra vez com excepção de alguns homens sinceros e dedicados, que todos respeitam os chefes de um dos partidos se dizem tambem *conservadores*, e na verdade que o são debaixo de certo ponto de vista; porque, quando estão no poder, tratão de *conservar-se* nelle a todo o custo, e por todos os meios; e os do outro dizem-se tambem progressistas, e eu não duvido que o sejam, porque quando estão debaixo caminhão para diante com toda a pressa que podem; a ver se nesse *progresso* chegão ao

poder; mas o que é verdade, o que todos vêm, é que estes *conservadores* logo que se achão no governo, andão para trás como caranguejos ou opprimem o paiz como pesadelos; e estes *progressistas* occupando o timão do Estado, desenvolvem e mostrão um tal *progresso de preguiça* que chegão até a *subir e descer* sem jámais sahir de um mesmo lugar!

— Portanto...

— Portanto, entre os chefes dos dous partidos, com excepção, repito, dos poucos que são sinceros e dedicados, não ha luta pelas idéas, ha briga por causa do poleiro: os principios politicos delles são identicos, porque se resumem, como já disse, no pronome — *Eu*; — e quer subão uns, quer subão outros, a cousa anda, pouco mais ou menos, sempre do mesmo modo.

— O que são os *Whigs*? dizia O'Connell; são os *Tories* fóra do ministerio.

— Pois digo-lhe, que esse tal O'Connell é

ou era. porque não sei quem seja esse sujeito, nem se está vivo ou morto; assevero porém, que é ou era um homem de muito juizo, e que dava ás cousas os seus nomes proprios: nessas breves palavras está pintado ao vivo o egoismo dos grandes politicões; e nós precisamente devemos ao egoismo dos chefes o mistiforio dos nossos partidos politicos. Os partidos são animados, e sustentados pela nobreza, pela justiça, generosidade e utilidade das idéas que proclamão; mas entre nós tem sido muitas vezes illudidos, descaminhados, e indignamente burlados pelos manejos de homens ambiciosos. Olhe, compadre, ás vezes apparece um desses espectralhões de alto cothurno, que levanta aos olhos do povo uma bandeira grandiosa, e enthusias-tica: é um gosto ver o ardor com que o tal Catão prêga seus bellos principios, e faz mil protestos de desinteresse e de patriotismo! o povo não pôde resistir á sua eloquencia: rodêa e applaude o esperançoso estadista: chega a hora do seu triumpho, ei-lo no poder: que é dos principios

por elle sustentados?... o novo ministro bebeu a agua de um Lethes, que corre pelas portas das secretarias de estado, e esquecendo tudo quanto promettêra em opposição, trata sómente de satisfazer os caprichos, que escondêra, e a ambição, que o devóra. Os chefes ! os chefes !... a desmoralisação dos chefes tem plantado a descrença no coração dos partidos ; e a descrença... a descrença é a vespera do desespero.

— Bravo, compadre *Paciencia* ! está agora tocando o sentimental !

— Eu estou simplesmente dizendo as cousas como ellas são. Vejo o santo fogo de um povo entusiasta extinguindo-se ao sopro frio e enregelado dos mais tristes desenganos ; vejo a desconfiança por toda parte ; o scepticismo nos grandes ; a indifferença na classe média, e a miseria na classe, que chamão baixa, posto que nella haja homens de muito boa altura. Vejo o povo cansado de ser illudido, zombado pelos seus guias, e desconfiado até dos poucos, que se conservão firmes em seus postos de honra.



Vejo nobres e generosos hombros doídos por terem servido de escada a arlequins de todas as côres : vejo a abjuração de todos os principios confessada publicamente por aquelles mesmos, que mais ardentemente os prégavão. Vejo Ca-tões de albarda, e Aristocratas de blusa. Vejo, emfim, os partidos sem crenças politicas, porque a maior parte dos seus chefes trata exclusivamente de se arranjar, e de arranjar seus parentes mais chegados.

— Compadre, o senhor é um pintor de quadros lugubres !

— Pois prefiria, que eu lhe pintasse esta desordem politica burlescamente ?

— Heróes burlescos só merecem poemas heroi-comicos.

— Pois lá vai uma historia.

— Politica ?...

— Não sei : é uma historia de porcos e de milho.

— Mas a que vem uma historia de porcos e de milho para o nosso caso ?

— Homem, nós estávamos tratando desses pseudo-chefes de partidos, cujos principios são díficeis de comprehender, porque elles só cuidão de subir ao poder, ou de arranjar-se em bellas posições officiaes, ainda com sacrificio das proprias idéas, que fingião sustentar de coração, e com ardente enthusiasmo.

— Mas a historia?... a historia?...

— Estávamos tratando desses papagaios politicos, que gritão muito, quando têm fome, e se calão apenas tem a barriga cheia.

— Sim : mas a historia?...

— Em uma palavra, estávamos tratando dos negociantes politicos ; isto é, daquelles que fazem da politica um meio de vida, e brigão quando não os deixão mamar nas têtas do Estado.

— Basta, por quem é, compadre.

— Ouça agora a historia.

— Sou todo ouvidos.

— Houve tempo em que eu tive uma fazenda em Cantagallo.

- Bem : e que mais?...
- Plantava, e colhia café, e por distracção criava porcos.
- Então temos tambem o café na historia?...
- Não : o café foi um episodio.
- Pois então episodios para um lado, e vamos ao fundo do caso.
- Vamos, com a condição porém de ser menos vezes interrompido.
- Os apartes esclarecem a discussão, compadre.
- Quando a não desnaturão, e conspurcão.
- Bravo ! esta vai aos deputados e senadores !
- E eu fico sem contar a minha historia !
- Prometto não dizer mais palavra.
- Ora bem : criava eu pois os meus porquinhos, e, conforme o uso, mandava todas as tardes dar-lhes uma ração de milho, assistindo ordinariamente a ella, porque na verdade a cousa me divertia muito.
- Realmente devia ser um espectáculo muito pittoresco !

— A' hora do costume , vinhão todos os porcos approximando-se da casa já com sentido na ração...

— Instincto politico! observei eu.

— Mandava deitar o milho no coche, para esse mister destinado ; acontecia porém sempre uma dos diabos !

— Então o que ?...

— O coche era de bom tamanho, mas os porcos são muitos, e não podião comer mais que duas ou tres duzias de cada vez.

— Bem : e depois ?...

— Apenas os porcos vião cahir o milho dentro do coche, corrião atropeladamente para elle, e os primeiros que chegavão, enterravão os focinhos no milho, e começavão a comer com uma disposição verdadeiramente devoradora !...

— E os outros ?...

— Os outros, que tinhão vindo logo atrás, trepavão nas costas dos primeiros e lhes ferravão os dentes nos lombos, grunhindo com raiva

e desespero, e finalmente ainda os outros, que mais tarde chegavão, mordião os segundos, e grunhião tão fortemente como elles, de modo que era uma desordem dos meus peccados !

— E depois que acontecia?...

— Quando os primeiros se sentião fartos ou não podião mais soffrer as dentadas, que lhes davão, cedião o posto e o milho aos outros, que mais perto se achavão, e que por sua vez sustentavão a mesma luta...

— Que mais?...

— Os que tinhão o focinho no coche e comião o milho, não fazião o menor ruído ; e os outros, pelo contrario, grunhião com um furor indissivel até chegar a sua vez de comer.

— E que mais?..

— Às vezes a briga se dava até entre os porquinhos da mesma raça!... era uma cousa capaz de fazer rir ao philosopho chorão !

— E finalmente?...

— Acabou-se a historia.

— Pois, meu caro compadre *Paciencia*, ju-

ro-lhe que ainda não entendi o que quer dizer na sua.

— Ora! a moral da historia está entrando pelos olhos: quero dizer, que a razão da alta gritaria, que levantão, e do espalhafato, que fazem aquelles, que fazem da politica o seu *meio de vida*, aquelles que quebrão os degrãos por onde sobem ás primeiras posições officiaes, aquelles que atração os partidos, que os seguirão, e que os elevárão como seus chefes aquelles que de tempo em tempo mudão de principios e de opinião, como as cobras mudão de pelle, aquelles que como os papagaios fallão muito, quando têm fome, e calão-se logo que têm a barriga cheia; quero dizer, repito, que a razão da gritaria e do espalhafato, que fazem esses e outros que taes glutões politicos, está em ser o coche pequeno, e não poderem todos comer ao mesmo tempo dentro d'elle. Em uma palavra, compadre, quero dizer, que ha entre nós uma certa qualidade de gente para quem a politica é o *milho*, a patria é o *milho*, o futuro

e a gloria é o *milho*, e só o *milho*; e está acabada a historia.

— Ah !

Não sei mesmo o que hia dizer ao compadre *Paciencia*, a respeito da estrambolica historia, que acabava de ouvir, quando fomos obrigados a parar, attrahidos por um espectáculo bem desagradavel.

A algumas braças da estrada descobria-se uma casinha, que era naquelle momento presa das chammas, que já lhe tinhão devorado todo o tecto, e sem duvida que dentro em pouco darião lugar a que o pobre dono daquelle modesto *ubi* escrevesse sobre as cinzas, e as paredes cahidas o « *campos, ubi Troja fuit!* » que, entre parenthesis, vem aqui muito a proposito.

Perto da casinha incendiada vião-se em desordem os velhos e pobres trastes da familia, que nella morára, e junto delles uma velha representante do seculo passado, um homem de meia idade, que a consolava, ralhando ao mesmo tempo com uma rapariga de vinte Janeiros,

que vertia um pranto ainda mais teimoso, e desesperado, do que a vovó.

— Que desgraça é esta?... perguntou muito sensibilizado pelo que via o compadre *Paciencia*.

O homem, que estava ao pé das duas choronas, voltou-se para nós e respondeu com cólera concentrada :

— É uma cousa bem simples, senhores : é, que eu estou em Roma e não vejo as casas! sou pobre, e pensava, que tinha direitos civis e políticos, assim como os ricos ; sou emfim um estúpido e mais nada.

— Mas que foi, que deu causa a esta desgraça ?...

— A peste, que dá lugar a muitas outras. Vão em breve fazer-se as eleições primarias, e eu não me quiz sujeitar a votar em uma *chapa*, que o dono desta terra, onde morei até hoje, e do qual sou foreiro, me mandou impôr pelo seu feitor : despeitado por isso, ordenou-me, que me mudasse logo e logo ; e como eu pedi,



que me pagasse primeiro as minhas hemfeitorias, elle cortou a questão, incendiando-me a casa (1)!

— É possível?! perguntou o compadre em uma exclamação.

— Tambem como se pôde aturar a teima de um farropilha?... pensei eu comigo mesmo : ora que a *gentinha miuda* supponha, que em eleições pôde ser mais alguma cousa, do que portadora de listas!... é um desafôro! não se deve entender a lei com a plebe, quando a lei falla de direitos.

(1) O autor deste livro está convencido de que na Provincia do Rio de Janeiro, a mais civilisada do Imperio, não se observão factos, como esse, que ahi vai imaginado; mas, desgraçadamente, em outras provincias, e com especialidade em algumas do Norte, tem tido lugar não poucos attentados tão horrorosos como esse; e pois que está no pensamento do autor atacar os abusos, e a desmoralisação, acredita elle, que pôde bem suppôr praticados nesta ou naquella provincia, onde fizer viajar o seu heróe, as illegalidades e os crimes, que em qualquer outra parte do Imperio se tem observado.

(Nota do autor).

— É um crime, disse o compadre ! o senhor deve ir participar o 'occorrido' ao delegado de policia.

— Mas se o delegado de policia é o proprio autor do attentado?...

— Ao subdelegado!...

— Mora alli perto ; cahi na asneira de ir fallar-lhe ainda ha pouco, e participei-lhe, que a minha casa estava em chammas.

— E elle?...

— Aconselhou-me, que lhe deitasse agua.

— Miseria e indignidade !... e não ha por aqui perto alguma outra autoridade publica, a quem se possa recorrer?...

— Oh ! pois não !... excellente conselho teima ainda o senhor em dar-me !... mora alli adiante o inspector de quarteirão : mas se eu lá fôr queixar-me deste attentado, o homem, que é dos de papo amarello, ou me despedirá com duas gargalhadas e uma descompostura, ou me mandará recrutar, como vadio ; ou emfim meará morar alguns dias na cadêa , emquanto-

passa a eleição, porque a *chapa*, que eu regei-tei, chama-se *chapa governista*, e o proprietario desta terra, além de ser delegado de policia, é o chefe do partido, e portanto tem o poder de fazer o que lhe dê na cabeça. Ainda bem que elle se contentou somente com incendiar-me a casa : foi um exemplo, simplesmente um exemplo, para que não grassasse a desobediencia.

— Mas o senhor tem a seu favor o direito, que lhe confere a lei.

— E tenho tambem contra mim a pobreza, que é uma especie de eterna suspensão de garantias, meu caro !

— Então não acha recurso?...

— Para mim agora já não ha nenhum ; para os outros pobres, que não quizerem que lhes queimem as casas, ha o recurso de votar, como lhes ordenarem os ricos de quem dependerem.

O meu compadre, apesar de ter a alcunha de *Paciencia*, estava furioso como um possesso ; mas eu, fiel aos meus principios, achei a cousa muito natural.

Pois que diabo quer dizer *liberdade de voto*?... Liberdade de voto, ninguém o ignora, é uma burla, que todos os partidos prégão, quando estão debaixo, e que nenhum admite nem respeita, nem tolera, quando está de cima.

E mesmo, dado o caso em que se pudesse admittir essa miseravel utopia: fôra prudente conceder aos *pobres* o direito de votar de um modo diverso daquelle, por que votão os ricos proprietarios, em cujas terras morão?... se passasse um tão perigoso precedente, tambem os empregados publicos quererão votar livremente e com consciencia; e então, adeos minhas encommendas! lá ia o *Estado* dar á costa sem remedio, porque isto é evidente: não pôde haver governo estavel, quando ha nos governados liberdade e direito de votar livremente. Estas *poesias* de voto livre é que põe de rastos as nações: *verbi-gratia* — a Inglaterra.

Ahi vai mais um argumento sem réplica para provar que a sabedoria e o patriotismo repellem o *voto livre*. Os estadistas que nos tem gover-

nado, devem ser tidos na conta de sabios e patriotas, porque, se o não fossem, não terião assumido o poder em um governo representativo: ora, apesar de sabios e de patriotas, ainda não houve um só delles, que, achando-se no governo em épocas eleitoraes, não tornasse impossivel, por todos os meios, a livre expressão do voto do povo; logo, a sabedoria e o patriotismo repellem o *voto livre*. Eu tenho uma logica de tirar couro e cabelo! é mesmo uma logica, como a de certos deputados ministeriaes, que reduzem tudo a este raciocinio bipede: — o governo fez, logo é justo e bom.

E quanto á chamada prepotencia do rico sobre o pobre, entendo, que ella é muito natural. Todo o homem manda e quer ser obedecido; mas na escala social uns mandão mais do que outros, e mesmo assim todos mandão; até o *pretinho* escravo manda ao gato e ao cachorro, que tem na sua senzala; depois do escravo vem o pobre, que está dous furos ácima do cachorro e do gato, e um ácima do escravo, que

por isso lhe obedece: ora, segundo a ordem natural, o pobre devia obedecer também a' alguém, e portanto, cumpre., que obedeça ao rico, assim como o cachorro e o gato obedece ao pretinho escravo, e este ao pobre. Isto é logica de ferro! não ha duvida nenhuma, eu nasci para ser jornalista de um ministerio, que pague bem!

Profundamente convencido destas verdades indestructiveis, obriguei o meu compadre *Paciencia* a pôr-se a caminho, deixando entregue a seus pezares o pateta e atrevido, que tinha a idéa de querer votar livremente, e a velha e a moça, que continuavão a derramar um diluvio de lagrimas.

Alguns minutos depois de começar o trote zinho da mulla russa do compadre, e o tique-tique do cavallo de meu Tio, lembrei-me do meu velho, e das suas recommendações; quiz então comparar o que acabava de observar com o que determinava a minha *companheira de viagem*; tirei pois do bolso a *defunta*, isto é,

a *Constituição do Imperio*, e comecei a examinar os seus artigos a ver se descobria algum, que tivesse relação com o caso.

Estava cá muito occupado com este trabalho, quando o compadre me disse em voz um pouco alterada :

— Olhe... eis-alli a casa do tal inspector de quarteirão, e sem duvida é elle que está á porta.

Olhei e vi o bixo, mas ouvi tambem uma voz fina, como um assobio, que gritava a bom gritar.

— E que voz é essa que me entra pelos ouvidos, como uma ponta de agulha ?...

— É sem duvida uma criança, provavelmente algum nêê filho do inspector, que está lendo aos gritos: não ouve, como soletra ?...

Pouco a pouco nos hiamos aproximando da casa.

— Mas que especie de cartilha estará lendo o tal nêê.

— Ouçamos.

Prestamos atenção, e ouvimos o menino lendo o seguinte :

« Artigo 179 da Constituição do Imperio.

« § VII. Todo cidadão tem em sua casa um asylo inviolavel, etc.

« § XXII. É garantido o direito de propriedade em toda sua plenitude, etc.

— Que irrisão !... exclamou o compadre.

— É uma utopia constitucional desmentida pela logica dos factos. O nêné podia muito bem ler os §§ VII e XXII do artigo 179 da Constituição do Imperio, e alguns dos artigos da Lei de eleições ao clarão do fogo, que está acabando de queimar a pobre casinha do atrevido, que quer votar conforme sua consciencia.

— E que me diz do bello inspector de quarteirão ?...

— Ora ! é um inspector *comme il faut* ; faz o filho decorar a Constituição, e elle pela sua



parte a executa, ou viola, conforme os casos e as circumstancias.

— Um inspector de quartirão consentindo que ao pé de sua casa, quasi debaixo de seus olhos se offendão as garantias de um cidadão, e se menospreze a lei !... isto é insupportavel.

— Oh, compadre?.. pois devéras queria que o desprezo das garantias do cidadão e das leis fosse um direito exclusivo dos ministros de estado?... nada, não senhor, os inspectores de quartirão fazem tambem das suas, e podem dizer, como o poeta macarrónico :

*« Nos quoque gens sumus, et quoque cavalgare scimus.*

FIM DO PRIMEIRO FOLHETO.







LAEMMERT & C. — EDITORES  
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

---

Sabão a luz e acha-se á venda

## CONTRATO DE CONTA CORRENTE

POR

José da Silva Costa

Doutor em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade de S. Paulo,  
do Instituto dos Advogados Brasileiros,  
da Sociedade de Legislação Comparada de Pariz, etc.

Um volume nitidamente impresso com varios modelos,  
brochado 3\$000, encadernado 5\$000

---

Do mesmo autor:

## Seguros Maritimos e Terrestres

Um vol. in-8º grande, com 300 paginas nitidamente impresso.  
Preço brochado 6\$500, encadernado 9\$000.

O illustre autor, tão vantajosamente conhecido no fôro brasileiro, pelos seus estudos especiaes e profundos da materia, veio preencher uma lacuna na litteratura forense com a publicação de sua importante obra

Dividida em tres partes e 18 capitulos, a obra trata substancialmente de todas as especies de seguros maritimos e terrestres, como sejam :

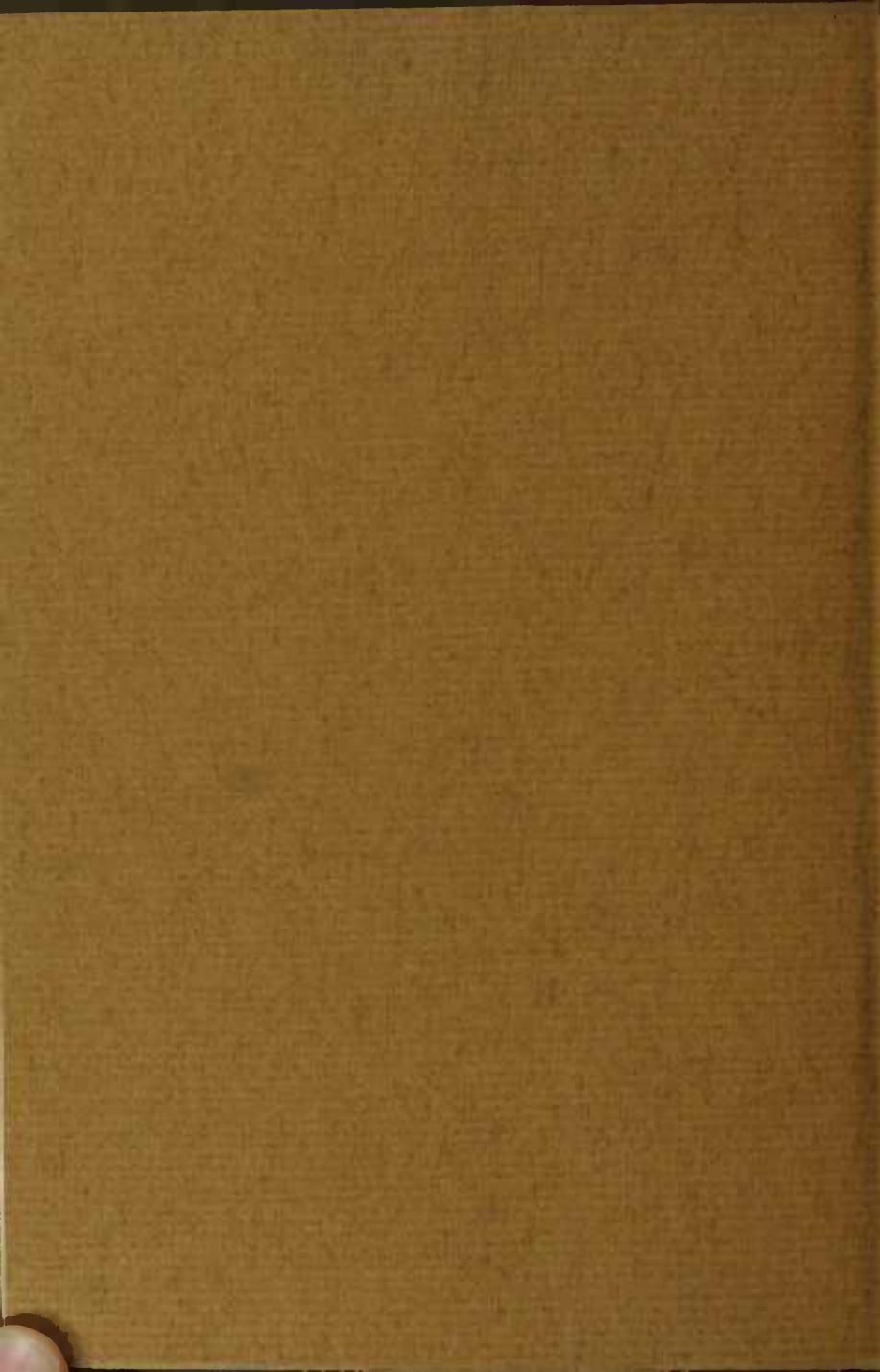
Natureza do contrato de seguro, objecto do seguro marítimo, seguro vedado, avaliação do objecto seguro, riscos, duração dos riscos e abandono, premio, indemnisação, apolice e suas enunciações, interpretação da apolice, dissolução do contrato do seguro, competencia e jurisdicção, acções e excepções.

No intuito de facilitar o exame, vão em appendice expressas as condições das apolices de varias companhias de seguro, acompanhando ainda um indice muito especializado e alphabetico de todas as materias tratadas no livro.

---

66 RUA DO OUVIDOR 66











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).